



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
PORTUGUÊS/INGLÊS**



MARIA CAROLINE TENÓRIO CÂNDIDO

**A influência da fala na escrita de textos produzidos por estudantes do 6º
ano de uma escola pública**

Garanhuns-PE

2019

Maria Caroline Tenório Cândido

**A influência da fala na escrita de textos produzidos por estudantes do 6º
ano de uma escola pública**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado
em Letras pela Universidade Federal
Rural de Pernambuco – Unidade
Acadêmica de Garanhuns. Orientador:
Profº. Dr. Rafael Bezerra de Lima

Garanhuns-PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

C217i Cândia, Maria Caroline Tenório
A influência da fala na escrita de textos produzidos por
estudantes do 6º ano de uma escola pública / Maria Caroline
Tenório Cândia. – 2019.
67 f. : il.

Orientador: Rafael Bezerra de Lima.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Letras, Garanhuns, BR-PE, 2019.
Inclui referências e apêndice(s).

1. Fala 2. Escrita 3. Sociolinguística 4 . Mudanças
linguísticas I. Lima, Rafael Bezerra de, orient. II. Título

CDD 410

Maria Caroline Tenório Cândido

**A influência da fala na escrita de textos produzidos por estudantes do 6º
ano de uma escola pública**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção do título de Licenciado em
Letras/Inglês pela Universidade
Federal Rural de Pernambuco –
Unidade Acadêmica de Garanhuns

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Bezerra de Lima - UAG/UFRPE
(orientador)

Prof. Dr. Adelson Pinheiro Sedrins – UAG/UFRPE

Profa. Me. Rosyelly de Araújo Cavalcante Ubirajara – Secretária de Educação de
Águas Belas-PE

Aos meus queridos pais, Maria Jacqueline Cândido e Geraldo Cândido da Silva, exemplos de coragem e determinação em suas lutas diárias, pela educação e infinito amor a mim dedicados, sem o apoio de vocês essa conquista não seria possível.

AGRADECIMENTOS

O mérito não é somente meu, muitas pessoas estão envolvidas na finalização de mais essa etapa da minha jornada de vida, rumo ao crescimento profissional e pessoal. Sem a contribuição de vocês esse sonho não seria realizado, serei eternamente grata. Por meio dessas singelas palavras, expresso meus mais profundos agradecimentos.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu psicológico, por manter minha sanidade nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, Jacqueline e Geraldo que fizeram do impossível o possível para me ver graduada no curso que eu escolhi fazer. Jamais encontrarei palavras suficientes para descrever todo amor, respeito, admiração e carinho que sinto por vocês.

Aos meus irmãos e amigos, por todas as palavras de força, incentivo, por não me deixarem desistir.

Em especial a Jeyson Sobral, meu amado companheiro, por toda paciência, carinho e amor dedicados a mim.

A Rafael Lima, por ter aceitado me orientar, pelo profissionalismo, paciência, confiança, por acreditar em mim e me encorajar quando achei que não conseguiria, agradeço principalmente pela disponibilidade e forma amigável que me orientou.

A todos que compõem o núcleo docente da Unidade Acadêmica de Garanhuns, pelos valiosos ensinamentos ao longo da graduação.

Aos colegas de sala, pelas discussões e muitos momentos que compartilhamos, até mesmo pelas gargalhadas nos momentos de desespero.

Aos funcionários e alunos da escola Antônio Tenório Sobrinho, peça fundamental para a realização desse trabalho.

A quem não mencionei, mas estive junto, muito obrigada por toda ajuda.

*Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece
como eu mergulhei. Não se preocupe
em entender, viver ultrapassa qualquer
entendimento.*

Clarisse Lispector

RESUMO

O presente Trabalho tem por objetivo principal analisar a influência da fala na escrita em textos produzidos por estudantes de uma escola da rede pública municipal da cidade de Bom Conselho-Pernambuco. Para tanto, baseamo-nos em trabalhos feitos por Cagliari (2008), Bortoni-Ricardo (2014), Bagno (2008), entre outros pesquisadores da corrente de Labov (2008), o pesquisador pioneiro da teoria que estuda a Variação Linguística. Procuramos defender a hipótese de que há variação linguística nos textos produzidos por essa comunidade de fala, para isto consideramos fatores internos e externos à língua. Elaboramos uma pesquisa quantitativa de cunho variacionista para a coleta dos dados, com isso obtemos um *corpus* constituído por um número de 2.838 ocorrências dos fenômenos linguísticos, retirados de 72 textos escritos pelos discentes de duas turmas de 6º ano da escola selecionada. A quantificação dos dados é apresentada por meio de tabelas e gráficos, fundamentada no modelo metodológico disponível em Tarallo (1986). Dessa forma, no desenvolvimento da investigação, constatamos que existe interferência da fala na escrita condicionada por fatores internos, processos fonológicos e externos à língua, como sexo e localização geográfica.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; Influência da fala na escrita; textos escritos; variação.

ABSTRACT

This paper has as main goal to analyse the influence of speech in the writing of texts produced for students of a public school from Bom Conselho city, state of Pernambuco. Therefore, we based in papers written by Cagliari (2008) Bortoni - Ricardo (2014), Bagno (2008), among others representatives of Labov (2008), the pioneer researcher of theory who studies the Linguistic Variation. We seek to defend the hypotheses that there are linguistic variations in the texts produced for this community of speech, for this we considered internal and external factors to the language. We elaborated a quantitative research of variation aspect to the data collect, with this we obtained a corpus constituted for a number of 2.838 occurrences of phenomena linguistic taken from 72 texts written by the students of 6th year of selected school. The quantification of data is shown by tables and graphs, based on the methodological method available in Tarallo (1996). Thus, in the development of research, we found out that there is interference of speech in writing conditioned for internal factors, phonological processes and external to the language, as sex and geographic location.

Key Words: Sociolinguistic; Variationist; Influence of speech in the writing; written texts; Variation

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Relação por grupo e por sexo do uso do fenômeno supressão por apócope	35
Gráfico 02: Relação por grupo e por sexo do uso do fenômeno supressão por aférese	36
Gráfico 03: Relação por grupo e por sexo do uso do fenômeno supressão por apócope	36
Gráfico 04: Ocorrência dos outros fenômenos constatados	37
Gráfico 05. Quantificação dos fenômenos conforme a variável sexo	51
Gráfico 06. Quantificação dos fenômenos conforme a variável Localização geográfica	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Distribuição dos colaboradores segundo o fator sexo e localização geográfica	32
--	-----------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O FENÔMENO EM ESTUDO	15
2.1. Da fala para a escrita	15
2.2. Variação linguística: fonética e fonologia	19
2.2.1. Estudos fonéticos e fonológicos	22
2.3. Contraste entre o rural e urbano	24
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICO	28
3.1. Pressuposto Metodológico	28
3.2. Procedimentos Metodológicos	28
3.3. Comunidade de fala	29
3.4. A coleta de dados	31
3.5. O <i>corpus</i>	31
4. ANÁLISE DE DADOS	33
4.1. Resultados iniciais	33
4.2. Análise da coleta de dados	37
4.3. Processos fonológicos por supressão ou apagamento	45
4.3.1. Apócope: o apagamento do fonema no final da palavra	46
4.3.2. Aférese: o apagamento do segmento acontece no início da palavra	48
4.3.3. Síncope: ocorre o apagamento do segmento no meio da palavra	49
5. VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	52
5.1. Variável sexo	52
5.2. Variável localização geográfica	54
6. CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIA	63
APÊNDICE	65

INTRODUÇÃO

No decorrer do tempo, os estudos voltados para a língua vêm despertando cada vez mais o interesse dos pesquisadores. Isso acontece porque compreender a língua exige uma investigação profunda e cuidadosa, já que é dinâmica e social assim como afirma Marchuschi (2010). Para o autor, a língua não é uma realidade estática, ou seja, sua configuração estrutural se modifica com o passar dos anos, sendo motivada por diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos. Apesar dessas mudanças, as línguas nunca perdem seu caráter sistêmico, pois possibilita aos falantes os recursos necessários que são estão dispostos para que a comunicação aconteça de forma eficiente.

Nesse âmbito, o Brasil é um país formado com características muito distintas, tornando-se uma vasta fonte para estudos no campo da linguagem, por tamanha diversidade cultural, não é novidade as diferenças marcantes que vão desde os aspectos sociais, econômicos, até àqueles ligados às relações étnico-raciais. Desse modo, seria impossível que não existissem variações que acompanhassem essa evolução da sociedade e, sobretudo, da língua.

A partir desse aglomerado de fatores surgiu a Variação Linguística (doravante VL) da Língua Portuguesa (doravante LP), ou seja, a língua é um mecanismo utilizado na interação entre os indivíduos e a sociedade que acontece de forma heterogênea, então com o Português Brasileiro (doravante PB) não é diferente. É justamente essa heterogeneidade na língua que interessa aos pesquisadores da Sociolinguística. Essa corrente surgiu em meados da década 60, tendo como principal precursor William Labov (2008 [1972]), que tratou mais especificamente da Teoria da Variação.

Logo, percebe-se que as línguas podem ser compreendidas como fenômenos sociais, pois estão intimamente ligadas a esse meio, com naturezas dinâmicas e heterogêneas, sofrem influências por todo o contexto que as envolvem, como Bagno (2008) salientou ao afirmar que:

Nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”, como por exemplo: a geográfica, histórica, social, situacional chegando a variar até mesmo e um indivíduo para o outro, o chamado idioleto (BAGNO, 2008, p 43).

Partindo do ponto de vista defendido por Bagno (2008), a língua é uma construção múltipla, não podemos negar que o padrão formal existe e não deve jamais ser ignorado, conseqüentemente, a norma culta é tida como a convenção social que devemos fazer uso em situações oficiais, formais, etc. Por outro lado, temos a modalidade coloquial da língua, empregada em ambientes informais.

Quando desviamos do emprego dessas normas caímos na noção de “erro”, pois a norma culta exige que tudo deveria obedecer as regras da gramática normativa, tanto na escrita quanto na fala, considerando erro tudo o que não condiz com o tradicional. Nas palavras da Bortoni-Ricardo (2014),

[...] é preciso enfatizar que as tendências imanentes da língua para levar as pessoas em geral, e os professores em particular, a assumir convicções de que os chamados “erros” que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo de da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados como uma abordagem sistêmica (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 9).

A autora ressalta a importância dos educadores trabalharem as características linguísticas faladas no PB, tanto as de origem rural, quanto as de origem urbana, expondo como como se constituem e que há regras gramaticais, mas que elas são facilmente explicáveis se usarmos os recursos da linguística moderna.

Em relação a isso, Bagno (2008) afirma que “existe também toda uma longa tradição de estudos filológicos e gramaticais que se baseou, durante muito tempo, nesse (pré) conceito irreal da “unidade linguística” do Brasil”. Sendo assim, para os autores, essa regra de conceber o “errado” é imposta pela gramática normativa, pois se baseiam exclusivamente em falantes letrados, mas eles não concebem a noção de “erro”, acreditam que são usos linguísticos diferentes da regra única.

Como forma de dar uma contribuição no campo material, por assim dizer, servimo-nos do conhecimento proveniente dessas teorias e da ainda curta experiência docente, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise de textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública. As respectivas turmas (A e B) foram escolhidas por apresentar grupos de alunos bem distintos, pois a turma do 6º ano “A” é composta por alunos da zona rural, enquanto a turma “B” é urbana, cujo material compõe o *corpus*

dessa pesquisa, os discentes fazem parte da mesma escola municipal, situada no distrito de Barra do Brejo na cidade de Bom Conselho, Pernambuco.

Baseando-se na corrente sociolinguística, a nossa fundamentação teórica apoia-se na Teoria da Variação proposta por Labov (2008), visto que a essa teoria nos permite compreender como o comportamento linguístico e extralinguístico dos colaboradores interferem na modalidade escrita da língua, já que trabalharemos com aspectos variáveis da estrutura sonora do português.

Através das pesquisas de autores como Marchuschi (2010), Bortoni-Ricardo (2014), Bagno (2008), Cagliari (2002), (2008) e (2010) entre outros, propomo-nos observar os fenômenos linguísticos manifestados na escrita dos colaboradores, considerando os fatores extralinguísticos de localização e sexo. Esses autores servirão como alicerce teórico para nortear as reflexões críticas dessa investigação.

Por questões didáticas, desenvolvemos esse trabalho em seis seções, as quais buscam discorrer dentro da Sociolinguística os processos estudados.

Então, na segunda colocamos em pauta discussões acerca da variação linguística, veremos a influência da fala na escrita por meio da sociolinguística, apoiando-se na teoria da Variação Linguística.

Na terceira apresentamos a fundamentação teórico-metodológica que serviram como molde para a construção dessa pesquisa, o contexto dos colaboradores e detalhamos os procedimentos para realizar a coleta do *corpus*. Na quarta seção apresentaremos os dos dados coletados e faremos uma discussão acerca dos fenômenos encontrados nas produções textuais que foram realizadas pelas turmas que compõem essa pesquisa, descrevemos os fenômenos sob as perspectivas de Cagliari (2010), Bortoni-Ricardo (2014), Bagno (2007), Roberto (2016), entre outros em consonância com a concepção da VL.

Na quinta seção, será feita uma reflexão sobre os fatores extralinguísticos, suas influências na escrita considerando as diferenças sobre o fator sexo e a localização geográfica. Abrimos para discussão o papel, medidas e ações da escola nesse palco. Na sexta e última seção, teremos a exposição das considerações finais pertinente a esse trabalho.

2. O FENÔMENO EM ESTUDO

Nesta seção, veremos a influência da fala na escrita por meio da sociolinguística, apoiando-se na teoria da Variação Linguística, visto que essa corrente estuda a língua em uso.

2.1. Da fala para a escrita

Enquanto a língua falada é espontânea, natural e abrange a comunicação linguística em toda sua totalidade, na língua escrita há mais exigências que precisam de obediência. Apesar de serem modalidades de uma mesma língua, cada uma tem a sua especificidade. Saussure (2005) pensou a língua como um sistema que possui ordem própria. Isso implica assegurar que qualquer disposição que seja externa não interfere em seu funcionamento.

Essa relação entre fatores internos e externos, é um sistema mutável, portanto os significados são diferentes dependendo da escolha dos significantes. Para o autor, língua e fala são diferentes, pois a *langue* (língua) é um conjunto léxico, lógico e gramatical que existe potencialmente na consciência dos indivíduos falantes de uma mesma língua, enquanto *parole* (fala) é o ato pelo qual o sujeito emprega a língua para exprimir as suas ideias, por isso é de caráter individual, ou seja, é algo que está associado ao banco de dados (léxico) que o indivíduo acessa na prática da *parole*.

A língua escrita, por outro lado, só é aprendida depois que dominamos a língua falada, pois não é uma simples transcrição do que falamos, sendo mais inclinada às normas gramaticais, portanto requer maior cuidado. Além disso, é um registro e permanece no decorrer do tempo, pois não tem o caráter fugaz típico da língua falada.

Como afirma Garcez (2002, p.9), “a escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo”. O sujeito, inserido em um contexto regulado pela escrita, reconhece a importância e a necessidade em ser integrante dessa prática. Então, qualquer forma de interação envolvendo o uso da língua, seja falada ou escrita, cercam outros elementos que permeiam o meio social. Diante disso, Marchuschi (1999) em

seu livro “Fala e escrita”, evidência as particularidades que essas modalidades da língua possuem, afirmando que:

Basta observar nossa vida diária desde que acordamos até o final do dia para constatar que falamos com nossos familiares, amigos ou desconhecidos, contamos histórias, piadas, telefonamos, comentamos notícias, focamos, cantamos e, eventualmente, organizamos listas de compras, escrevemos bilhetes e cartas, fazemos anotações, redigimos atas de reuniões de condomínio, preenchemos formulários e assim por diante (MARCHUSCHI, 1999, p. 13).

Nesse sentido, o autor exemplifica algumas práticas sociais da língua em suas manifestações orais e escritas, pois ambas permitem a construção e exposição de ideias e sentimentos, bem como de textos coerentes e coesos.

Apesar de haver correlações entre fala e escrita, o ato de escrever é muito diferente do ato de falar, sendo uma característica marcante da diferença entre as duas, o interlocutor estar presente na hora da fala e ausente no momento da escrita. Dessa forma, fala e escrita se utilizem do mesmo sistema linguístico, cada uma possui características próprias, uma vez que a escrita não constitui mera transcrição da fala, como afirma Barros (2006) na seguinte passagem:

O texto escrito é planejado tanto do ponto de vista temático (escolha dos assuntos a serem tratados) quanto linguístico-discursivo. A fala tem certo planejamento temático, isto é, de escolha de tópico, para que a conversação se desenvolva, mas a maior parte das escolhas temáticas e linguísticas se faz durante a conversa (BARROS, 2006, p. 60).

A partir das palavras dessa autora, podemos afirmar que a escrita tem o objetivo de permitir a leitura. A leitura, por sua vez, é o produto utilizado nessa representação discursiva, ou seja, uma interpretação que consiste em traduzir as variantes da fala. Tais manifestações são imprescindíveis para a participação efetiva do indivíduo no contexto social, isso porque a língua passou a ser observada além dos papéis de falar e escrever, sendo estas habilidades muito importantes para o cumprimento de funções sociais, então, a escrita é planejada antes de sua execução, para não aparecer as marcas de formulação e reformulação.

Barros (2006), enfatiza que essas unidades (da escrita) são mais duradouras no que tange o ponto da dimensão e da complexidade. Diferente disso, na fala não ocorre o planejamento anterior ao momento da execução,

expondo traços elaboração e reelaboração na interação verbal, só que de forma fragmentada.

Já para Cagliari (2010), alguns tipos de escrita se preocupam com a expressão oral, enquanto outros focam na transcrição de significados específicos daquele símbolo, como nos alertou disso ao tratar das relações entre fala e escrita enquanto processo de ensino/aprendizagem, pois enquanto docentes, devemos mostrar ao aluno os caminhos a serem percorridos para a decodificação da língua contemplando todos os seus aspectos possíveis.

No ensino de LP, as novas demandas conferem à leitura e à escrita um *status* nunca antes alcançado, pois na era globalizada em que vivemos, a aquisição de informação converte-se em um diferencial significativo, já que não é suficiente apenas aprender a ler e a escrever, é necessário ir mais além, usando a língua como prática social, um “instrumento” que nos permite interagir e nos situar em nossa vida cotidiana. Para tanto, os referenciais pedagógicos devem contemplar o ensino como um processo contínuo de apropriação das práticas sociais, as quais se expressam por meio de textos (verbais e não-verbais).

Marchuschi (2010) afirma que é necessário ter consciência da primazia cronológica da oralidade e dos valores sociais que estão implícitos na valorização da escrita, considerando os dias de hoje, principalmente pelo fato de esta se constituir como uma tecnologia aprendida em contextos formais. Sobre essa questão, Bortoni-Ricardo (2014) reforça essa ideia ao relatar que a criança já é capaz de produzir oralmente frases e textos completos, antes mesmo de conhecer as estruturas gramaticais da língua, quando chega no espaço de ensino/aprendizagem essa capacidade já está desenvolvida, na maioria dos casos.

A autora afirma também que na cultura escolar pouco se considera a língua falada, pois, na maior parte das vezes, buscam ensinar mantendo o foco na modalidade escrita. Sendo assim, a escola assume um importante papel na orientação do indivíduo para a prática da escrita, pois, dessa forma torna-se o guia do aluno, já que escrever demanda várias tarefas, ir e vir muitas vezes com o intuito de alcançar determinado objetivo.

Contudo, Marchuschi (2005) afirma que a oralidade não pode ser considerada superior ou inferior a escrita, uma vez que os dois elementos

precisam ser valorizados da mesma forma no processo de ensino. Por isso, nem a fala nem a escrita têm intrinsecamente aspectos positivos e negativos, uma vez que não há uma forma que seja superior.

Portanto, para que esses tipos de relações sejam estabelecidas, é necessário observar e comparar a heterogeneidade dessas relações, que variam conforme os usos. Além disso, o autor frisa que a oralidade não desaparecerá e, unida à escrita, é um grande meio de manifestação da atividade humana, sendo intrínseca ao ser humano em relação aos fatores como identidade regional e social.

Tendo em vista que a língua é o produto utilizado nas duas representações discursivas (fala e escrita), um falante em estágio inicial de aprendizagem da modalidade escrita, pode facilmente grafar a palavra /visita/ de acordo com o som da pronúncia {vizita} ou {vixita}, pois enquanto existe uma única forma de escrita dessa palavra, em certos contextos da fala, têm-se o som de /x/, /s/ e /z/ com o mesmo som. Assim, é perfeitamente normal confundir a grafia quando se está no início desse processo de aquisição da modalidade escrita da língua, pois de acordo com Cagliari (2010):

De fato, *A* é tão diferente de *a* quanto *p* é diferente de *m*, por exemplo; [...] Vivemos num mundo no qual a escrita se realiza através de muitos tipos de alfabetos. Como aprendemos a ler todos eles, não tomamos consciência dessa realidade. Para nós, adultos, qualquer *A* é *A*, seja ele escrito como for. Quando a criança começa a aprender a escrever, ninguém lhe diz isso e, muitas vezes, ela fica admirada, diante das coisas que a professora (e o adultos) fazem com as letras. Com o tempo acaba aprendendo indiretamente o que a escola pretende (CAGLIARI, 2010, p.83).

Entende-se, com isso, que o aluno faz uma associação da escrita com a fala após iniciar em seus primeiros anos escolares. Nesta etapa de seus estudos, a maioria das crianças não compreendem as distinções de cada representação gráfica, nem tão pouco o que seja VL, ou seja, a escola precisa levar em consideração o que o aluno traz consigo em relação ao seu conhecimento de mundo.

O ensino da norma padrão é muito importante, pois existem muitos contextos no meio social que irão cobrar o uso de tal variedade. Mas, este ensino é válido desde que sejam ponderadas as demais variedades linguísticas, tal como afirma Bagno (2007):

Na verdade, como costume dizer, o que habitualmente chamamos de *português* é um grande “balaio de gatos”, onde há gatos dos mais diversos tipos: machos, fêmeas, brancos, pretos, malhados, grandes, pequenos, adultos, idosos, recém-nascidos, gordos, magros, bem-nutridos, famintos etc. Cada um desses “gatos” é uma variedade do português brasileiro, com sua gramática específica, coerente, lógica e funcional (BAGNO, 2007, p. 18).

Para o autor, muitos acreditaram que no Brasil fala-se somente uma língua, sabemos que esta afirmação não é verdadeira, já que a LP apresenta grande variação de região para região, de estado para estado, sem esquecer as diversas línguas indígenas, entre outras. Então, é importante termos clareza que a língua não existe como um sistema homogêneo. Nessa situação, Bortoni-Ricardo (1984, p. 17 *apud* Bagno 2007, p. 18), reforça que “do ponto de vista lingüístico tudo nos une e nada nos separa”, trata-se apenas de mais um mito como tantos outros que dificultam a o ensino/aprendizagem da LP.

Sabendo disso, partiremos para a próxima subseção, em que será abordada brevemente a respeito da VL, o que ela é e como ocorre, nos apoiando em Labov (2007), Bagno (2007) com livro “Preconceito Linguístico”, entre outros autores.

2.2. Variação linguística: fonética e fonologia

No Brasil possuímos uma grande variedade linguística que carregam riquezas, heranças culturais e representam a identidade da nossa gente. Pela individualidade de cada parte do país, essas variações podem sofrer influência de muitos fatores, pois esse caráter individual da fala é responsável pela “diversidade da língua: cada falante acaba utilizando-a de maneira peculiar, de modo que a forma utilizada por um falante individualmente é diferente da utilizada pelos demais”, assim como bem pontua Terra (2008, p. 84).

Esse tipo de especificidade nas variações, fica mais claro quando escutamos falantes de diferentes regiões, por exemplo, uma pessoa do sudeste e outra do nordeste, podem atribuir nomes diferentes para o mesmo substantivo. Então, partimos do pensamento primário e norteador de que o fenômeno da VL sempre esteve presente ao longo da formação e estruturação

de nossa língua, quando recorreremos à língua-mãe, o latim, é possível perceber que tivemos mudanças renovadoras na língua desde a sua origem.

Bagno (2007) afirma que as variações linguísticas ocorrem porque vivemos em sociedade, dentro dela estamos inseridos em diferentes grupos sociais. Alguns desses agrupamentos tiveram acesso à educação formal, enquanto outros não tiveram muita ou nenhuma proximidade com a norma culta da língua. Sendo assim, é possível observar que a língua varia de acordo com suas situações de uso, pois uma mesma comunidade pode se comunicar de maneira diferente, de acordo com a necessidade de adequação linguística.

Diante disso, a VL é um fenômeno natural inerente as línguas que não as empobrece as em nenhum aspecto, dentro dela temos a sociolinguística que é uma ciência utilizada para estudar como a linguagem é usada em diferentes contextos sociais. A partir dos estudos desse campo, podemos analisar como acontece a diferença da fala de uma região para outra, dentro de um mesmo país, ou até mesmo de países diferentes.

O termo Variação Linguística tornou-se mais recorrente a partir da década de 1960, em meio ao surgimento da Sociolinguística Variacionista nos Estados Unidos a partir dos estudos de William Labov, pois para o autor:

É a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em variação linguística. Existem outros ramos da Sociolinguística que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o planejamento linguístico, a escolha da ortografia oficial e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala (LABOV, 2007, p. 9).

Segundo Labov (2007), todos esses campos de estudos são importantes para a sociolinguística, uma vez que são utilizados para analisar a estrutura da linguagem e a organização de suas formas, reconhecendo as mudanças que correm com o uso da língua enquanto fala. Os estudos da linguagem usada no dia a dia provaram ser bastante úteis para descrever a LP e seus determinantes sociais e linguísticos.

Bagno (2007) ressalta que, de certo modo, existe uma inclinação presente no ensino tradicional da LP de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única forma de falar português. Diversas gramáticas e livros didáticos chegam a aconselhar o professor a

corrigir quem fala “*muleque, bêjo, minino, bisôro*”, como se isso anulasse o fenômeno da VL, que é natural e antigo na história de qualquer língua. Ainda sobre a VL, Bagno (2007) afirma que:

O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico (BAGNO, 2007, p.43).

Ou seja, devemos considerar a existência da diversidade da LP no contexto da fala, pois se pensarmos no português brasileiro devemos mostrar ao aluno que ele pode falar *bulacha* ou *bolacha*, mas só deve escrever “bolacha”, porque só existe uma forma de representação da escrita da LP. Bagno (2007, p. 44), nos lembra que o intuito é fazer com que todos “possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu, particular!”.

Como bem foi colocado na citação do parágrafo anterior, o que abordamos é de cunho real e afeta os indivíduos diariamente, pois estamos lidando com turmas do sexto ano do ensino fundamental II, cujos alunos possuem necessidades e déficits reais, em parte devido ao não reconhecimento do que é a VL, conseqüentemente levam esses fenômenos típicos da fala para a escrita, mas a escola ainda não trabalha com a devida atenção sobre a VL, pois, uma boa parte das vezes, enxerga esses desvios simplesmente como erros, deixando de lado o contexto de fala a qual pertencem esses estudantes.

A abordagem da VL no ambiente educacionais abre as portas para que os alunos construam sua identidade enquanto sujeitos múltiplos, além de propiciar-lhes o conhecimento da norma padrão da língua em coexistência e cooperação com as distintas variantes, evitando que permaneça a sensação de que a LP é uma língua difícil de aprender, pois parece estar distante da realidade dos aprendizes.

Podemos observar que, hoje em dia, uma boa parte das escolas priorizam o estudo da escrita formal colocando de lado a variação sem apresentar a adequação para o uso das modalidades escrita e falada da língua, inseridos em um contexto interacional para os estudantes. Essas práticas do

discurso fazem parte de um conjunto maior, já que não devemos priorizar uma, quase que excluindo a outra. A respeito disso, Marchuschi e Dionísio (2005) afirmam que:

Toda a atividade discursiva e todas as práticas linguísticas se dão em textos orais ou escritos com a presença de semiologias de outras áreas, como a gestualidade e o olhar, na fala ou elementos pictóricos e gráficos na escrita (MARCHUSCHI & DIONÍSIO, 2005, p. 13).

Para esses autores, fala e escrita são elementos distintos, mas a interação com o meio proporciona aos indivíduos aprendizado, inclusive aqueles relacionados à utilização da língua na modalidade escrita. Assim, quanto mais os membros de um grupo interagem, mais recursos adquirem com o objetivo de expandir o seu léxico. Para tanto, ao estudarmos a VL devemos considerar também a fonética e a fonologia que serão abordadas no subtópico a seguir.

2.2.1. Estudos fonéticos e fonológicos

A fonética e a fonologia são campos de estudo que têm como objetivo investigar como os seres humanos produzem e ouvem os sons da fala, embora sejam áreas distintas, são complementares, segundo Cagliari (2002). O estudo de qualquer língua requer uma investigação não apenas morfológica e sintática, mas também, fonológica e fonética, uma vez que os processos morfossintáticos dependem dos alicerces fonológicos, pois ambos os conhecimentos permitem ao professor de LP conhecer a estrutura sonora da língua materna.

Sendo assim, Cagliari (2010, p. 42) trata da fonética como a área que “estuda os sons da fala, preocupando-se com os mecanismos de produção e audição. A Fonética procura fazer o trabalho com ênfase no aspecto descritivo da realidade fônica de uma língua”. Em outras palavras, a fonética busca analisar e descrever a fala dos indivíduos da maneira que acontece dentro das mais variadas situações de interação social.

Acerca desse conceito, Cagliari (2010) nos mostra que a fonética busca descrever os sons da fala, considerando os mecanismos descritivos da realidade fônica de uma língua, atendo-se a pontos como a realização e

sonorização da fala. Assim sendo, cabe a fonética descrever os sons da língua e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas.

Por outro lado, Cagliari (2010), afirma que a fonologia preocupa-se com os sons de uma língua, mas no que tange ao aspecto da função, pois se ocupa dos espaços interpretativos dos sons, de sua estrutura linguística. Para o autor,

Certos erros podem até passar despercebidos por muitos, como escrever toráxico em vez de torácico, porém, outros são inadmissíveis, como escrever peçoa, dice, família etc. Nas conversas sobre linguagem, entre o povo comum, não é raro encontrar alguém que diz que não sabe escrever, querendo com isso dizer que não domina a ortografia das palavras (CAGLIARI, 2002, p. 43-58).

Por exemplo, “potxi, txia, tudu”, tapa, a fonética abrange o que diz respeito sobre a pronuncia de /tx/ e /t/. Já a fonologia interpreta essa diferença ao atribuir um valor único a esses dois sons, uma vez que /tx/ ocorre somente diante da vogal /i/, e o /t/ diante de outro som que não seja /i/. Episódio semelhante quando um falante pronuncia *iscada* e não *escada*. A concorrência de /i/ ou /e/ não muda o significado e, neste caso, as duas ocorrências tem o mesmo valor, de acordo com Cagliari (2002).

Para reforçar o que dito, a fonética apresenta métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons fala, enquanto a fonologia se compromete com a investigação sonora das línguas naturais no que tange ao aspecto organizacional, de acordo com Silva (2015). Diante disso, observamos como as modalidades fala e escrita caminham juntas, pois os elementos que os envolvem podem ser representados tanto na fala quanto na escrita, por fazerem parte das atividades da comunicação social humana.

Partiremos para o próximo tópico em que iremos expor brevemente sobre como os aspectos rural e urbano, partes importantes da LP do Brasil, influenciam no processo de aprendizagem. Para tanto, recorreremos aos estudos da Bortoni-Ricardo (2014), em seu livro “Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula”.

2.3. Contraste entre o rural e o urbano

A diferença entre o rural e o urbano permeiam questões naturais, sociais e econômicas. Todos sabem que pessoas em graus diferentes de escolarização usam mais ou menos conhecimentos a respeito de fala e escrita. Visto que, as variantes de uma língua estão intimamente ligadas ao sistema de formação do indivíduo. Na Linguística para Labov (2008), é muito comum nomear os dialetos (regional, urbano, social, rural, etc.) a partir de alguns aspectos inerentes a esses componentes da língua, especificamente no que se refere ao sotaque e ao léxico.

Sobre o dialeto regional, existe a ideia que seja composto por um grupo de características linguísticas que servem para identificar um falante de determinada região, muitas vezes, esses elementos não se limitam às influências internas daquele lugar. No Nordeste, por exemplo, as particularidades da fala baiana são diferentes da pernambucana, que, por sua vez, diferem da maranhense e, assim por diante, ocorrendo o mesmo nos estados que compõem as demais regiões do país. Como os estados são compostos por centros urbanos e rurais, observa-se que cada um é diferente entre si.

Dessa maneira, vamos considerar as três linhas imaginárias para entender a variação do português brasileiro, definidas por Bortoni-Ricardo (2014, p.51) como “contínuos”, elencando principalmente os falares das variantes rurais e urbanas, temos:

- O “contínuo de urbanização”;
- O “contínuo de oralidade-letramento”;
- O “contínuo de monitoração estilística”.

Segundo a autora, “o contínuo de urbanização” é um segmento de retas lineares imaginárias, cujo ponto de partida é a linguagem rural indo até a outra ponta que representa a linguagem urbana. Sobre isso Bortoni-Ricardo (2014) lembra que:

[...] ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de decodificação linguística, tais como a definição do padrão correto de escrita, também chamado ortografia do padrão correto de pronúncia, também chamado de ortoépia, da composição de dicionários e gramáticas. (BORTONI-RICARDO, 2014, p.51).

A autora traz uma reflexão acerca de como a língua falada sofre interferência sociocultural em qualquer localização geográfica, seja na zona rural ou na zona urbana, conforme o processo de migração. O contínuo de urbanização pode ser dividido da seguinte forma: variedades rurais isoladas: presentes nas comunidades isoladas; variedades da área urbana utilizados por pessoas com um alto grau de escolaridade; o terceiro que é uma mescla dos anteriores, o “rurbano” proveniente de um sistema de migração da população rural para a zona urbana. Esse último grupo é composto por “migrantes de origem rural, que preservam muito de seus antecedentes culturais” Bortoni-Ricardo (2014, p. 52), principalmente no que tange o repertório linguístico desse grupo.

Entretanto, essas definições não são delimitadas por fronteiras consistentes no “contínuo de urbanização”, pelo contrário são fluidas podendo haver sobreposição entre elas, pois, todas as variações encontram-se em um seguimento linear sem obrigações no que diz respeito aos tipos falares. Para fomentar sua teoria, Bortoni-Ricardo (2014) explora alguns traços das expressões utilizadas pela personagem Chico Bento da “Turma da Mônica”. Inicialmente, a autora nos apresenta uma lista dos fenômenos linguísticos que compõem a fala da personagem para analisá-los, considerando os contínuos definidos anteriormente. O grupo de variante selecionado, também faz parte de alguns dialetos falados por diversas comunidades brasileiras.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2014, p. 53 e 54), alguns dos itens identificados na historinha de Chico Bento, foram classificados como “traços descontínuos” porque são os que recebem a maior carga negativa de avaliação nas áreas urbanas e “traços graduais” por serem comum na fala de todos os brasileiros. Contudo, ao longo da análise, Bortoni-Ricardo (2014) tece alguns comentários sobre as variantes, apontando o que é típico do sistema descontínuo e o que se encaixa no sistema gradual, no que se refere ao uso da língua, como por exemplo, o diagnóstico da palavra “prantei”:

PRANTEI – a troca de /l/ por /r/ nos grupos consonânticos, como em *broco/bloco*, *problema/probrema/pobrema*, é encontrada em falares rurais e rurbanos e, às vezes, até em falares urbanos. Preferimos classificar *prantei* como um traço descontínuo, considerando que

esse fenômeno é muito estigmatizado na cultura urbana (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 54).

Com isso, entende que o descontínuo pertence apenas a uma categoria (ao falar rural, por exemplo), não segue a “cadeia do contínuo”, sendo assim, não está presente nos “falares urbanos”, por esse motivo não pode ser classificado como gradual, pois não é um fenômeno que pode ser encontrado em todas as partes da linha do “contínuo de urbanização” definido por Bortoni-Ricardo (2014).

Partindo para as demais linhas de “contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística”, a autora qualifica o “contínuo de oralidade-letramento”, como uma linha imaginária que inicia nos “eventos de oralidade” até os “eventos de letramento”. Essas ocorrências são permeadas pela língua escrita e, assim como o anterior, ultrapassam as fronteiras por elas serem fluidas e haver sobreposições, levando em consideração que um “evento de oralidade” pode transformar-se em um “evento de letramento”, nesse caso, ambas não são limitadas diretamente pela escrita da língua ou pela oralidade.

Para fazermos a diferenciação entre fenômenos de letramento e oralidade, Bortoni-Ricardo (2014, p. 62) afirma que “Um evento de letramento, como uma aula, pode ser permeada de minieventos de oralidade”, ou seja, a língua falada não é um mero registro escrito, pois é considerado um “evento de oralidade”, como declamar um poema pode ser um “evento de letramento”. Por último, Bortoni-Ricardo (2014) define o “contínuo de monitoração estilística” do “menos monitorado ao mais monitorado”.

Nesse contexto, observamos que esse evento circula desde as interações espontâneas até as interações planejadas, enquanto uma é livre de “censuras”, a outra requer uma maior atenção do falante. Dito isso, Bortoni-Ricardo (2014, p. 63) enfatiza que “De modo geral, os fatores que nos levam a monitorar o estilo são: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa”. Para a autora, a variação ao longo desse contínuo tem a função de orientar os indivíduos para realizar cada evento de forma mais prática.

Agora que apresentamos os “contínuos imaginários” que compreendem os falares rurais, rurbanos e urbanos, apontados e definidos por Bortoni-Ricardo (2014) no texto acima, na seção seguinte trazemos a Fundamentação

Teórico-metodológica utilizada para composição e coleta de dados que formam o *corpus*, para em seguida, fazermos a análise dos elementos coletados.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nessa seção, será feita uma exposição dos pressupostos metodológicos usados na análise dos dados coletados que partiu de leituras relacionadas ao tema Sociolinguística Variacionista.

3.1. Pressuposto Metodológico

Essa pesquisa configura-se como quantitativa de cunho variacionista, baseando-se na corrente sociolinguística de William Labov (2008), campo de pesquisa no qual estuda as línguas em uso real, considerando o indivíduo e o meio sociocultural, mas para isso nos apoiaremos também nas pesquisas de Cagliari (2008) e Bortoni-Ricardo (2014).

Para Cagliari (2010), o sistema de escrita fonográfico (baseado em fonemas) “depende essencialmente dos elementos sonoros de uma língua para poder ser lido e decifrado. Esse tipo depende crucialmente da ordem linear da escrita, que vem assinalada de uma maneira padronizada”. Uma vez que, o autor compreende tais processos fonológicos como modificações sonoras que ocorrem durante a construção dos fonemas ao serem pronunciados ou escritos.

Depois de identificarmos os fatores linguísticos, faremos uma reflexão das produções textuais, levando em consideração o sexo e a localização geográfica dos nossos colaboradores, porque uma das turmas é composta por alunos que residem na zona rural, enquanto a outra é urbana. Após apontarmos os pressupostos metodológicos que nos norteará durante as análises, seguimos com a apresentação dos procedimentos metodológicos.

3.2. Procedimentos Metodológicos

Tratar de língua requer muita cautela, principalmente porque ela é um meio humano de comunicação, logo é variada e se transforma, bem como seus falantes. Então, muitos pesquisadores têm se dedicado ao estudo das dificuldades inerentes à fala e à escrita. Entre essas discussões, podemos citar a variação linguística, pois é uma área em constante crescimento e vemos

inúmeras pesquisas voltadas para análise da língua portuguesa, tanto a falada quanto a escrita.

No entanto, pretendemos adicionar ainda mais a esse âmbito, trazendo um trabalho que tem o objetivo de mostrar a influência da fala em textos escritos por alunos de duas turmas de 6º ano, levando em consideração o ambiente de moradia em que os envolvidos estão inseridos, pois a localização geográfica, nesse caso, interfere na escrita de uma parte do grupo analisado. Sendo assim, é importante conhecer o espaço físico em que se localizam os contribuintes de uma pesquisa e manter o olhar cuidadoso segundo Tarallo (1986).

A seguir, faremos uma breve contextualização da comunidade de fala que cooperou para a realização desse estudo.

3.3. Comunidade de fala

Para nossa pesquisa, selecionamos uma escola pública da cidade de Bom Conselho-PE, a mesma atende a estudantes do Ensino Fundamental II. A instituição municipal foi escolhida porque acolhe alunos de classe baixa à classe média baixa. A escola está localizada no Distrito de Barra do Brejo, zona rural de Bom Conselho, aproximadamente 15 quilômetros¹ do centro urbano. A instituição comporta alunos do próprio distrito e dos sítios próximos.

Funcionando manhã e tarde, a instituição é gerida de forma democrática, possui 20 funcionários efetivos entre gestora, secretário, professores e auxiliares de limpeza. Até o momento da coleta de dados, 217 alunos estão matriculados² do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II no período diurno, sendo 4 turmas pela manhã e duas à tarde. Os estudantes, em sua maioria, são adolescentes. Segundo a gestão, é exigido o fardamento padrão para as aulas normais e o uniforme esportivo para as aulas de educação física.

Devido a orientações da direção, não é permitido usar o celular na sala de aula, o acesso à “internet” do laboratório é monitorado, limitado por aluno, um responsável fiscaliza o cumprimento do tempo e é restrito à pesquisa

1 As informações sobre a distância geográfica foram coletadas do site *google* mapas.

2 Segundo relatos informais obtidos da direção, as turmas de 6º ao 9º ano são divididas conforme sua localização geográfica.

solicitada por algum dos professores. Não há nenhuma proibição quanto ao uso de bonés, bermudas, chinelos, sandálias, etc.

Além disso, o prédio tem uma estrutura antiga, as salas têm um quadro branco e um negro. Toda a escola é forrada com PVC, mas a acústica das salas não é boa, visto que é possível ouvir o que se diz na sala vizinha. A instituição dispõe de uma pequena biblioteca, cozinha, laboratório de informática, sala da direção, dos professores, almoxarifado e cinco salas de aula³. A princípio não foi projetada para o recebimento de alunos com necessidades especiais, apesar do prédio ter passado por uma reforma há 4 anos para introduzir rampas, caso venha a receber estudantes com essas necessidades, embora até o momento não possua nenhum estudante que se encaixe nesse perfil.

Em linhas gerais, as condições de infraestrutura da escola é razoável para as aulas regulares. O livro didático é pouco utilizado, visto que a quantidade que recebem é insuficiente. Diante disso, o conteúdo trabalhado em sala é elaborado pelo próprio corpo docente no início do ano letivo, seguindo as recomendações do MEC⁴. Foi possível observar que o espaço ainda é insuficiente para atividades ligadas a práticas de esporte, tendo em vista que dentre outras carências, é necessária uma quadra esportiva, por exemplo.

Os alunos das turmas selecionadas estão na faixa etária entre 11 e 17 anos. Constatamos que é maior o número de meninas nas duas turmas selecionada.

Quanto aos estudantes, são relativamente calmos, percebemos que a participação nas aulas e em outras atividades varia de acordo com a turma e o professor que as solicita, porém, na maior parte do tempo, estavam sempre dispostos a fazer o que foi proposto, mantiveram um bom relacionamento tanto com os docentes, quanto entre si.

Familiarizados com a instituição de ensino e os membros que a compõem, bem como seu contexto social, veremos posteriormente os

3 Informações retiradas do relatório de estágio de língua inglesa realizado no ano de 2017 pela pesquisadora.

4 Todas as informações supracitadas foram adquiridas por meio da entrevista realizada com a diretora da instituição, de conversas informais com os professores da disciplina de língua portuguesa atuantes na escola, como também pela observação ocorrida durante algumas aulas e visitas, após a apresentação formal do pesquisador a cada turma.

procedimentos metodológicos para coleta de dados e constituição do *corpus* dessa pesquisa.

3.4. A coleta de dados

Este modelo de pesquisa é rotulado como Sociolinguística de cunho Variacionista, cuja finalidade do estudo é observar a língua em uso em uma comunidade linguística, segundo Tarallo (1986). Já que a língua não é uma unidade estática e varia entre seu corpo social, então qualquer pesquisador deve estar atento as suas minúcias.

Sendo assim, ao longo da coleta de dados, buscamos agir de forma cautelosa, sem interferências para melhor construção do *corpus*. Para alcançarmos os objetivos desejados, pedimos ao professor de LP das turmas que solicitassem aos estudantes uma produção textual e recolhessem sem fazer nenhuma correção, para não haver mudança nos resultados.

O texto solicitado aos alunos era do gênero narrativo e deveria conter no mínimo 30 linhas, cujo tema era sequestro, para tal disponibilizamos um pequeno texto de apoio com algumas instruções para a construção do texto. Esse gênero foi escolhido por apresentar a possibilidade de inserir diálogos entre os personagens e, com isso, abrir mais espaço para as marcas da língua falada. Os alunos tiveram um prazo de 3 horas aulas com duração aproximadamente 50min cada aula, segundo o professor de LP, o tempo estipulado foi suficiente para a conclusão da atividade, pois a maioria terminou antes do horário previsto.

3.5. O Corpus

Para análise dos dados, recolheu-se inicialmente 84 produções textuais, mas somente 72 foram analisadas, pois foram excluídas 12 produções para equilibrar o número de alunos, visto que a turma “A” (denominado de Grupo 1) era maior que a turma “B” (denominado de Grupo 2), ao final cada turma ficou com um quantitativo de 36 textos.

A escolha dos colaboradores foi aleatória, visando o equilíbrio entre os sexos, já que o número de meninas era superior, mas a escolha das turmas

não foi, visto que a escola é pequena e dispõe de um grupo limitado de estudantes. No entanto, as turmas são divididas por local de moradia, os discentes que moram nos sítios próximos e dependem do transporte escolar frequentam as aulas no horário matutino e são agrupados na turma “A”, a turma “B”, no horário vespertino, são os discentes que residem no próprio distrito.

Foram postos em análise fatores extralinguísticos, como localidade (sítio/distrito), escolaridade (6º do E.F. II) e o sexo (feminino e masculino). Sendo assim, ficamos com os seguintes números: 38 colaboradores do sexo feminino e 34 colaboradores do sexo masculino, como é possível observar abaixo na tabela 01.

Tabela 01. Distribuição dos colaboradores segundo o fator sexo e localização geográfica.

SEXO	Localização geográfico		TOTAL
	<i>6º ano A (rural)</i>	<i>6º ano B (urbano)</i>	
<i>Masculino</i>	17	17	34
<i>Feminino</i>	19	19	38
<i>Total</i>	36	36	72

Depois de escolhermos os colaboradores e definirmos os linguísticos que farão parte desse trabalho, partimos para a próxima seção que será realizada a quantificação, análise dos dados e, posteriormente, dos resultados.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Diante das observações e anotações realizadas na sala de aula, iremos fazer uma análise dos textos dos colaboradores, destacando os resultados das ocorrências de alguns dos fenômenos encontrados, primeiro conforme os estudos de Cagliari (2008), em seguida completamos segundo as análises de Bortoni-Ricardo (2014), Bagno (2007), Roberto (2016), entre outros.

4.1. Resultados iniciais

O momento da análise dos dados, é usado para aplicar as leituras teóricas realizadas para embasar essa pesquisa, bem como apreciar tudo o que foi coletado até então, fazendo a decodificação necessária com o objetivo de chegar a um resultado concreto. Examinamos os textos narrativos produzidos pelas duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental II (denominados de Grupo A e Grupo B), considerando as variáveis: sexo e localização geográfica, (visto que uma turma mora na zona rural e a outra mora na zona urbana, referente ao distrito citado anteriormente), encontramos vários fenômenos linguísticos típicos da fala presente na escrita dos dois grupo de colaboradores.

Há diferentes maneiras de classificar esses processos fonológicos, para isso, resolvemos adotar os seguintes fatores denominados por Roberto (2016) para tratar da supressão, segundo esse autor, pode ocorrer de três maneiras, são elas: aférese, síncope e apócope; sendo apócope o fenômeno mais recorrente na fala dos brasileiros. Também buscamos apoio em Cagliari (2010) que aborda o fenômeno da junção intervocabular e assimilação. Por último, recorreremos a Bortoni-Ricardo (2014) para definir assimilação, desnasalização, ditongação e monotongação. A seguir, trazemos resumidamente que é cada fenômeno supracitado. São eles:

- **Apócope** – é o apagamento do fonema no final da palavra.
- **Aférese** – é o pagamento do fonema em início da palavra.

- **Síncope** – é o apagamento do fonema no meio da palavra.
- **Juntura intervocabular** – é a junção de duas palavras quando escrita.
- **Assimilação** – é o apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo –ndo, em palavras no gerúndio.
- **Desnasalização** – é o apagamento da nasalidade, ou seja, os segmentos nasais /m/, /n/ e /ɲ/, representadas pelos grafemas M, N, NH, são apagadas das palavras.
- **Ditongação** – é a transformação de uma vogal em um ditongo. Ocorre com frequência nas palavras como “mas”, ou seja, é grafada com o acréscimo do /i/ após o /a/.
- **Monotongação** – é o apagamento da semivogal nos ditongos.

No quadro abaixo, temos a quantificação desses fenômenos presentes nos textos coletados, divididos por grupos e por sexo.

Quadro 01. Quantificação dos fenômenos conforme grupo e sexo.

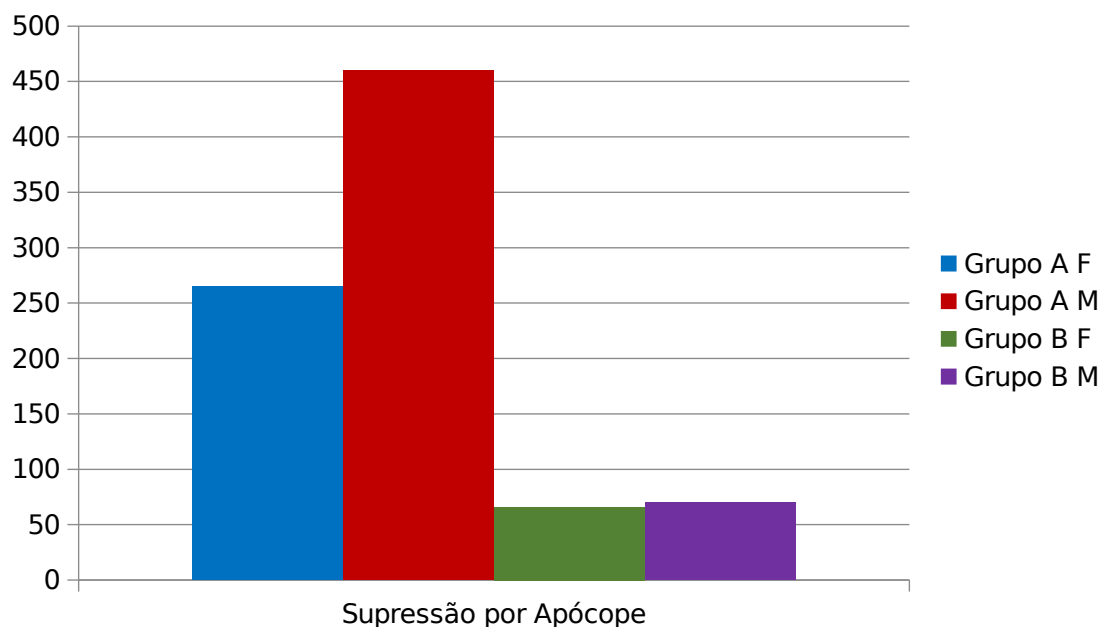
Descrição da variação	Grupo A	Grupo A	Grupo B	Grupo B	Exemplos
	F. (rural)	M. (rural)	F. (urbano)	M. (urbano)	
Supressão por apócope	265	460	66	70	<i>quise (quiser)</i> <i>pegá (pegar)</i> <i>assuta (assustar)</i> <i>fala (falar)</i>
Supressão por aférese	156	254	98	168	<i>tá (está)</i> <i>tava (estava)</i>
Supressão por síncope	56	153	46	69	<i>pra (para)</i> <i>mandano (mandando)</i> <i>dento (dentro)</i> <i>arvre (árvore)</i>
Juntura intervocabular	70	107	45	70	<i>encima (em cima)</i> <i>agente (a gente)</i> <i>praca (para cá)</i> <i>pelumenos (pelo menos)</i>
Assimilação	89	102	20	51	<i>andanu (andando)</i> <i>pirigu (perigo)</i> <i>falandu (falando)</i> <i>correnu (correndo)</i>
Desnasalizaçã	27	31	53	69	<i>homi (homem)</i>

o					<i>voltaru (voltaram)</i> <i>fizeru (fizeram)</i> <i>comero (comeram)</i>
Ditongação	36	53	16	20	<i>mais (mas)</i> <i>feis (fez)</i> <i>Fais (faz)</i> <i>veiz (vez)</i>
Monotongação	24	35	12	17	<i>acabo (acabou)</i> <i>dexei (deixei)</i> <i>caxa (caixa)</i> <i>otro (outro)</i>

Fonte: Autora, 2019.

No quadro acima, constatamos maior ocorrência do fenômeno supressão por apócope, nos textos produzidos pelo Grupo A (rural) com o quantitativo geral de 725 e 136 para o Grupo B (urbano), totalizando 861 usos desse elemento. Esse número é relativamente alto, se considerarmos que 530, do total de 861 usos, foram grafados por 34 colaboradores do sexo masculino, somando as duas turmas. Vejamos a representação no gráfico abaixo:

Gráfico 01: Relação por grupo e por sexo do uso do fenômeno supressão por apócope

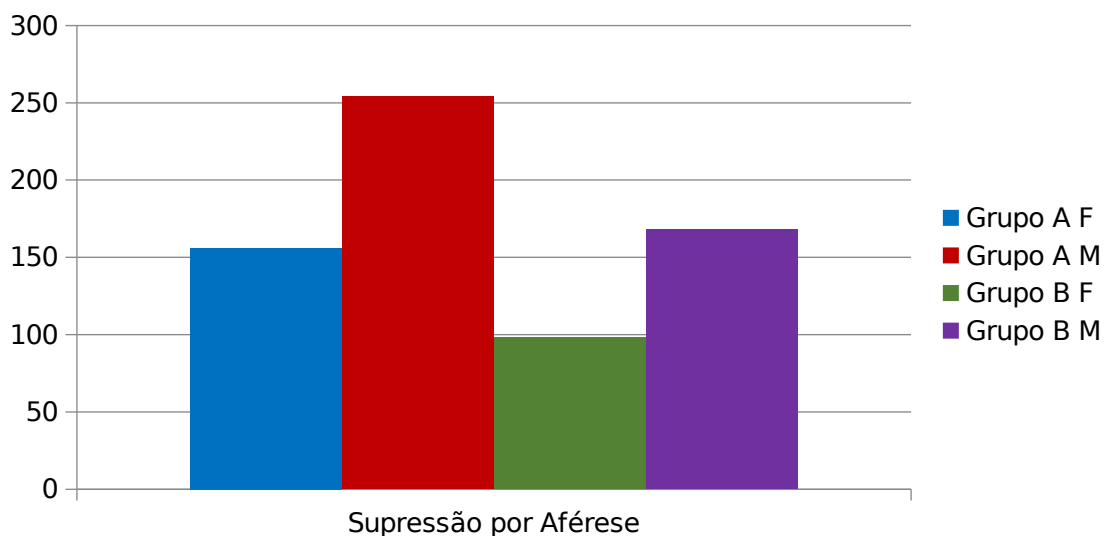


Fonte: autora, 2019

Ocupando a segunda posição, a supressão por aférese somou um total de 410 para o Grupo A (rural) e 266 para o Grupo B (urbano), totalizando 676 aparições. Também houve maior quantidade de usos por parte do sexo

masculino, resultando em 422 ocorrências por esse gênero. Vejamos a representação no gráfico abaixo:

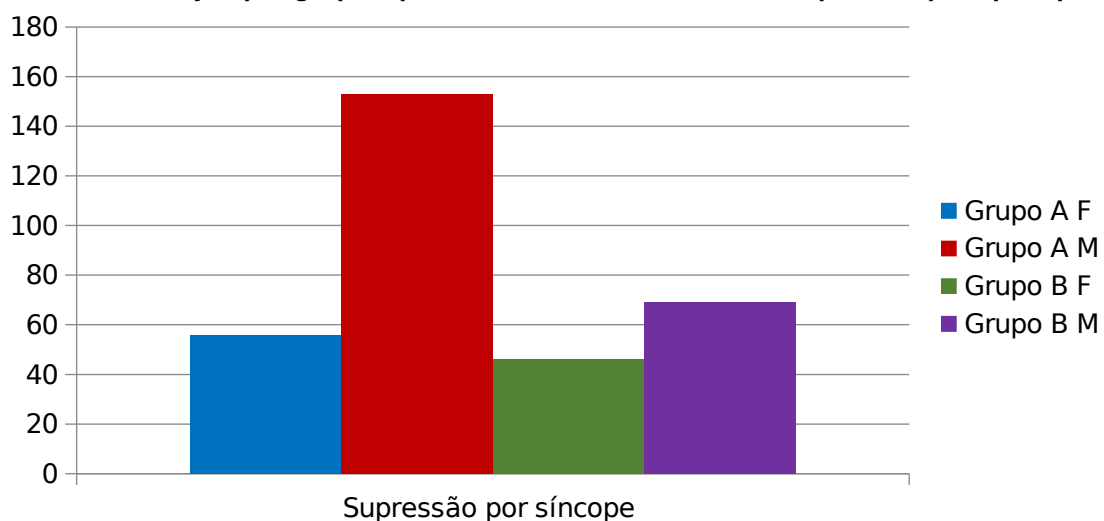
Gráfico 02: Relação por grupo e por sexo do uso do fenômeno supressão por aférese.



Fonte: autora, 2019

Ocupando a terceira posição, a supressão por síncope somou um total de 209 para o Grupo A (rural) e 115 para o Grupo B (urbano), totalizando 324 aparições. Também houve maior quantidade de usos por parte do sexo masculino. Vejamos a representação no gráfico abaixo:

Gráfico 03: Relação por grupo e por sexo do uso do fenômeno supressão por apócope

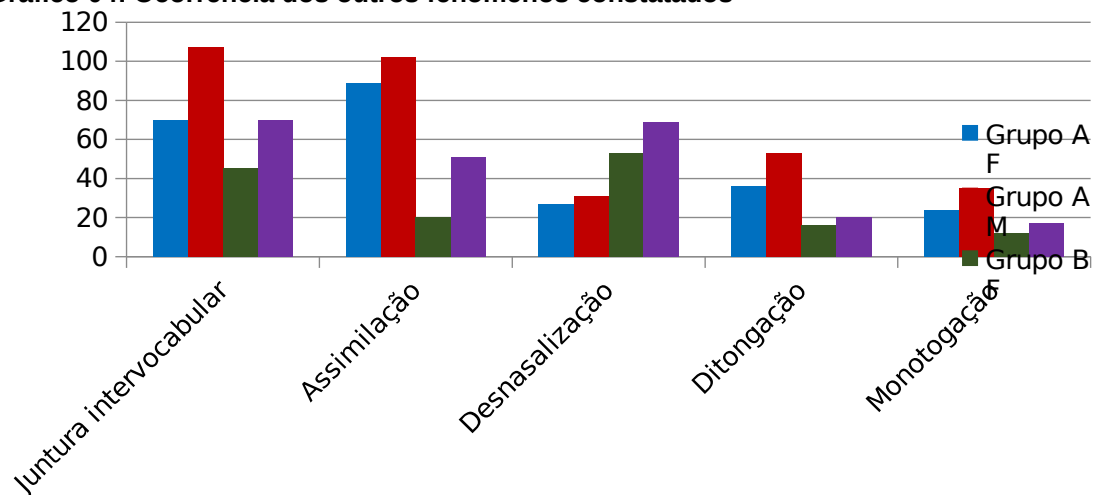


Fonte: autora, 2019

A seguir apresentamos um gráfico com as demais ocorrências, mesmo não aparecerem em um número significativo, quando comparadas aos tipos de supressão, achamos relevante abriremos uma subseção para tratar desses

fenômenos, mas nosso foco será detalhar os processos fonológicos por supressão, pois tiveram maior aparição no corpus analisado. Vale ressaltar que ao longo da coleta de dados, constatamos outros fenômenos, mas dispensamos material abaixo de 80 aparições.

Gráfico 04: Ocorrência dos outros fenômenos constatados



Fonte: autora, 2019

Após fazermos a representação gráfica da quantificação dos fenômenos encontrados nos textos dos colaboradores, partiremos para análise de alguns recortes acerca da categoria de supressão. Para isso, nos apoiaremos nas perspectivas dos autores Roberto (2016), Cagliari (2010) e Bortoni-Ricardo (2014).

4.2. Análise da coleta de dados

Após fazermos a representação da quantificação dos fenômenos encontrados nos textos coletados, vamos à análise de alguns recortes acerca das categorias supracitadas. Então, discutiremos sobre os fenômenos encontrados em maior quantidade, mas o foco da análise são os tipos de supressão (apócope, aférese e síncope) e, para isso, apoiar-nos-emos nas perspectivas da Roberto (2016) e Mollica (2006).

a) Juntura intervocabular (292 ocorrências/ 10.2%)

Cagliari (2010) afirma que a estrutura fônica das palavras pode sofrer alterações quando juntamos uma palavra com outra em frases ou orações. Esse fenômeno de juntar as palavras é conhecido pelos linguistas como juntura silábica⁵ ou intervocabular, tem muitos aspectos interessantes e importantes, não somente para conhecer como funciona a língua falada, mas, também, para entender muitos dos erros de escrita de crianças que estão começando o processo de aquisição da língua escrita. O autor apresenta algumas categorias que englobam esse e outros fenômenos relacionados à forma morfológica, ou seja, à grafia da palavra corresponde a erros ortográficos.

Para Cagliari (2010), os erros podem ser: por transcrição fonética, hipercorreção, modificação da estrutura segmental das palavras, segmentação⁶ e juntura intervocabular, forma morfológica diferente, forma estranha de traçar as letras, uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas, acentos gráficos, sinais de pontuação e problemas sintáticos:

Essas regras são tiradas dos usos ortográficos que o próprio sistema de escrita tem ou de realidades fonéticas, num esforço para aplicar uma relação entre letra e som, que nem é unívoca nem previsível, mas que também não é aleatória. Esse conjunto de possibilidades de uso se circunscreve aos usos da língua e aos fatos da produção da fala (CAGLIARI, 2010, p.120).

Essas interferências nesses fenômenos linguísticos são típicas da fala. Os discentes usam essas variantes porque ainda não estão totalmente familiarizados com a língua escrita, dessa forma acabam confundindo os sons com a representação gráfica desse fonema, de acordo com Cagliari (2010). No quadro abaixo, temos exemplos de como o fenômeno selecionado pode aparecer na escrita:

Quadro 02: Juntura intervocabular na escrita dos alunos.

Ex. 1:	<i>Eliviu agenti i saio correno essi bandidin (...)</i>	(Grupo A M – JAS)
Ex. 2:	<i>Seu Jose andava dilá pracá sem sabe o que fais (...)</i>	(Grupo B M – RRA)

5 Utilizamos a nomenclatura juntura intervocabular ao longo de todo o trabalho, mas citamos a silábica nesse parágrafo, apenas como título de conhecimento sobre nomenclaturas.

6 Os outros fenômenos de ordem morfológica, elencados por Cagliari (2010), não apareceram em quantidade significativa, nas duas turmas analisadas, para compor o corpus desse trabalho, por esse motivo dispensamos a baixa ocorrência dos outros fenômenos dessa ordem.

Ex. 3:	<i>As veis nem o pai e a mãe sabia o qui faze mais o poliçial pelumenos sabia alguma cosa (...)</i>	(Grupo A F – RSR)
Ex. 4:	<i>Poriso agenti via dona Fatima e seu Jose la de longi sentado no banco (...)</i>	(Grupo B F – MLEM)

Fonte: Dados da pesquisa

Como observa-se no exemplo 1 do quadro acima, percebemos que houve a junção do pronome “ele” (eli) com o verbo “ver” conjugado na terceira pessoa do pretérito perfeito “viu” (*viu*), mesmo havendo a junção, não houve nenhum apagamento de segmentos para que isso acontecesse nos três primeiros exemplos. Isso acontece quando a criança começa a escrever textos espontâneos, como é o caso do gênero narrativo, assim é possível observar a junção de muitas palavras, o que é perfeitamente normal nos textos de estudantes que estão no processo de aquisição da escrita. Esta juntura reflete os critérios que o aluno usa para escrever, pois vem a partir do que já conhece da língua falada, pois nela não há separação das palavras, o que existe é a marcação da tonicidade.

Já no exemplo 4, além da juntura da conjunção “por isso”, há o apagamento da letra /s/, pois para a criança só existe o som de [ɪ], o dígrafo /ss/ é uma regra meramente ortográfica. Ainda nesse exemplo, temos destacado uma juntura dos elementos /a/ e /gente/, uma fusão muito comum na escrita de crianças no estágio inicial do processo de aprendizagem da escrita.

Neste período, verifica-se que o estudante costuma escrever baseando-se em sua própria fala, conforme Cagliari (2010). A seguir, daremos continuidade na análise com o fenômeno da Assimilação, sob as perspectivas de Bortoni-Ricardo (2014) e Bagno (2006).

b) Assimilação (262 ocorrências/ 9.2%)

Baseada nas tendências naturais da língua e nas suas eventuais repercussões no ensino, especialmente no que tange à escrita, Bortoni-Ricardo (2014) afirma que é indispensável ressaltar que há casos muito recorrentes de assimilação no PB. Vejamos agora a descrição desse fenômeno:

[...] que há assimilação quando, numa sequência de sons homorgânicos ou parecidos, um deles assimila o outro, que desaparece. É o que acontece nas sequências /nd/ e /mb/. A primeira /nd/ é formada por duas consoantes alveolares e ocorre principalmente nos gerúndios: falando > falanu (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 102).

Isso implica dizer que o apagamento da oclusiva dental /d/ em final de palavras no gerúndio como em “andando”, “correndo”, por exemplo, é resultado de um processo de assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/ no PB. Quer dizer que acontece uma assimilação do /d/ pelo /n/ para, finalmente, haver um apagamento do fonema /d/ (nd > nn > n), como podemos ver nos exemplos abaixo:

Quadro 03: Juntura intervocabular na escrita dos alunos.

Ex. 1:	<i>Lá vinha baido andanu bem ligero pra pegá o muleque riço na frete quando oviu (...)</i>	(Grupo A M – JRCC)
Ex. 2:	<i>Se alguém fica vijianu a mala o minino more no final (...)</i>	(Grupo B M – CCO)
Ex. 3:	<i>Falanu baxio Junio pedia pra deus salvá eli dos homi mau (...)</i>	(Grupo A M – ALFA)
Ex. 4:	<i>Quando viu varios baido cercanu ele o Paulo Pai saiu correnu atrais (...)</i>	(Grupo B M – KLAF)

Fonte: Dados da pesquisa

Diante dos exemplos, constatamos que os resultados apontam que itens lexicais com mais de duas sílabas favorecem a queda da oclusiva dental /d/, enquanto os dissilábicos raramente são atingidos, como é possível notar na palavra “correnu”. Nesse sentido, quanto mais alongado for o vocábulo, maior a probabilidade de acontecer o apagamento do /d/. Já com a palavra “baido” não acontece o assimilação do /d/ pelo /n/, mesmo compartilhando a sequência /-nd/, esse processo só acontece nas palavras gerundivas⁷, visto que essa forma permite a nasalização seguido do apagamento.

Sobre assimilação, Bagno (2006) afirma que esses vocábulos são um construção do nosso falar, especialmente do rural, podendo também ser encontrado na fala urbana, sendo assim:

⁷ É uma forma verbal impessoal, o nome dado ao particípio passivo futuro do verbo latino, e por seu valor adjetival está englobado normalmente dentro dos particípios.

Cabe dizer que a assimilação foi uma força muito ativa na história da formação da língua portuguesa tal como a conhecemos, e que ela continua em plena atividade nos dias de hoje, produzindo lenta mas ininterruptamente a língua portuguesa dos próximos séculos (BAGNO, 2006, p. 91).

Mesmo com o passar do tempo e as transformações pelas quais a nossa língua já passou, ainda carregamos no PB essa herança. A próxima subseção tratará sobre o fenômeno da Desnasalização, a luz das pesquisas de Bortoni-Ricardo (2014).

c) Desnasalização (180 ocorrências/ 6.3%)

Sabemos que as línguas possuem sistemas complexos, mas nunca deixam a comunidade de fala desamparada no momento da interação, pois permite a expressão do mundo físico e simbólico. No PB, o ditongo nasal em sílaba átona pode sofrer variação e realizar-se sem traços de nasalidade, como em (falaram > falaru), por exemplo.

Apesar de a nasalidade, muitas vezes, carregar informação morfológica flexional, o que poderia contribuir para o acontecimento do fenômeno, em nossos dados, a maior parte da ocorrências refere-se a verbos, em contextos átonos. Para Bortoni-Ricardo (2014, p. 98), “as regras da desnasalização aplica-se principalmente nos ditongos nasais e átonos finais”, vejamos os exemplos abaixo:

Quadro 04: Ditongação na escrita dos alunos

Ex. 1:	Os homi tudo da polícia correru pra pega o (...)	(Grupo A M – ALB)
Ex. 2:	Os homis tava chegano perto do minino (...)	(Grupo B M – RSN)
Ex. 3:	Os policial pegaro os badido do sequetro (...)	(Grupo A F – KFSB)
Ex. 4:	Eles fizeru uma busca atrás do menino (...)	(Grupo B F – CFB)

Fonte: Dados da pesquisa

Em todas as ocorrências de vocábulos com ditongos nasais átonos, constatamos que houve a marcação de plural em nível sintático. É possível perceber que a desnasalização não mudou o sentido que o colaborador pretendia dar ao texto quando o redigiu, uma vez que ele usa os recursos sintáticos disponíveis na língua para marcar o plural no sintagma nominal.

Passamos agora para o fenômeno da Ditongação, dentro do estudo da Bortoni-Ricardo (2014).

d) Ditongação (125 ocorrências/ 4.4%)

Compreender a língua requer uma investigação profunda e minuciosa, já que ela é dinâmica e social, ou seja, sua estruturação se modifica ao passar do tempo e é motivada por vários fatores, podendo ser linguísticos e extralinguísticos. Apesar dessas mudanças, as línguas nunca perdem seu caráter sistêmico, então o fenômeno da ditongação faz parte desse conjunto. Por ser muito recorrente na fala do PB, é comum ouvirmos o acréscimo de um ou mais segmentos, como a inserção de uma semivogal⁸, (doze > do[^ʃ]ze), paz > pa[^ʃ]z).

Sobre esse acréscimo, Bortoni-Ricardo (2014) afirma que a ditongação pode ser definida como uma mudança essencialmente fonética, pois a realização acontece da fala para a escrita, especialmente com a vogal em posição tônica final, seguida de /s/ ou /z/. Como demonstraremos nos exemplos a seguir:

Quadro 05: Ditongação na escrita dos alunos

Ex. 1:	<i>Eli feis iso por quiere dinheiro i toda cidade (...)</i>	(Grupo A M – JAN)
Ex. 2:	<i>Fais tempo eles tao la na otra rua veiz o (...)</i>	(Grupo B M – GLCM)
Ex. 3:	<i>Voceis vai pelo otro lado da rua (...)</i>	(Grupo A F – MRLB)
Ex. 4:	<i>Ganho pelumenos trêis soco na cara (...)</i>	(Grupo B F – MSSA)

Fonte: Dados da pesquisa

Nos exemplos acima, no fenômeno da ditongação ocorre a inserção de uma semivogal, geralmente após uma vogal forte, seguida de consoantes sibilantes ou monossílabos tônicos como “voceis e veiz”. Essas formas, por sua vez, configuram-se em erros na língua escrita, já na fala não tem esse caráter dentro dos exemplos analisados.

Diante disso, podemos entender que a ditongação apresenta-se condicionada por fatores estruturais e sociais comuns, o que nos mostra a proximidade entre eles, especialmente diante do grafema /s/ apresentou a maior parte das incidências, pois as aparições se limitaram as sílabas tônicas

8 Nos dados coletados, não apareceu ditongação com a semivogal [^ʃ] na escrita dos alunos.

finais e a monossílabos, comumente apontados por Bortoni-Ricardo (2014) como favoráveis ao acontecimento desse fenômeno.

Na próxima subseção, partiremos, para a compreensão do fenômeno da monotongação, também com origem essencialmente fonética, como pontuou Bortoni-Ricardo (2014).

e) Monotongação (88 ocorrências/ 3.1%)

A aquisição da língua é um processo natural que é vivenciado dentro e fora do ambiente escolar. Todos são responsáveis pela forma como assimilam o processo de aprendizagem, como afirma Bortoni-Ricardo (2014), o comportamento linguístico é um indicador da segmentação social. As diferentes formas de pronúncia, podem afetar a aprendizagem da modalidade escrita, bem como, a distinção entre língua escrita e língua falada.

Sendo assim, a monotongação é a mudança de essência fonética que consiste na passagem de um ditongo para uma vogal simples. Sendo esse, um processo de redução de um ditongo a um monotongo (a vogal restante não muda de qualidade na sua realização). Sobre isso, a autora esclarece que:

[...] a regra de monotongação dos ditongos com a semivogal /i/ esteja menos avançada na língua que a monotongação do ditongo /ou/, ela requer também muita atenção em sala de aula, principalmente em palavras muito usadas como DINHEIRO, COZINHEIRO, INTEIRO, CABELEIREIRO, BEIJO, LIMOEIRO etc. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 97)

Ou seja, a monotongação ocorre, principalmente, nos seguintes casos: ditongo /ou/, exemplo (loco < louco), /ei/ seguido de /r/, /n/, /j/ e /x/ como em (dexei < deixei), para Bagno (2006) e Bortoni-Ricardo (2014). Já o ditongo /ai/, a redução do /ai/ para /a/ é condicionada pelo próximo segmento consonântico, geralmente o [x], como em (caxa < caixa), de acordo com Bortoni-Ricardo (2014). Vejamos alguns exemplos:

Quadro 06: Monotongação na escrita dos alunos

Ex. 1:	<i>Paulo Cesa respondeu u bilete e falo do badido que dexei u dinhero ali pertin do baco (...)</i>	(Grupo A M – JASG)
--------	---	--------------------

Ex. 2:	<i>Tinha poco tempo pra dexa o dinhero meio milhão de dolar na trás da banca de donda (...)</i>	(Grupo B M – GSGL)
Ex. 3:	<i>Acabo o tempo ai no dia seguinte o investigado dise que tinha pasa pra pega o dinhero (...)</i>	(Grupo A F – KLM)
Ex. 4:	<i>Uma pessoa o-colocou em baxo da porta e tocou a campainha no bilete pedia dinhero (...)</i>	(Grupo B F – GMCL)

Fonte: Dados da pesquisa

Diante dos exemplos, podemos ver no número 1 a palavra “falou”, não é escrita com o ditongo [ɛ̃ʷ], isso acontece na escrita porque oralmente, praticamente, não pronunciamos mais o segmento [ʷ]. Para Bortoni-Ricardo (2014, p. 95) “até em sílabas tônicas finais, que são mais resistentes à mudanças, reduzimos este ditongo”. Por outro lado, a autora traz uma ressalva quanto aos ditongos [ɔ̃] e [ay], pois “a regra de monotongação desses casos está menos avançada, aplicando-se somente em alguns contextos fonológicos” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 96).

Entre os casos de monotongação, o /ei/ conseguiu se manter em primeiro, mesmo o /ou/ sendo o único que ocorre em todas as circunstâncias, independentemente de classe socioeconômica, contexto fonológico e posição silábica, visto que pode acontecer em posições internas, tônicas ou átonas. Para Bortoni-Ricardo (2014), o apagamento do segmento [i] é condicionada pelo “segmento consonântico seguinte”, como o segmento [i] em “dinheiro” e o segmento [i] em “caixa”, sendo assim “as consoantes homo-orgânicas ao /i/ são as que mais favorecem a monotongação” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 96).

Dando seguimento as análises, partiremos para os processos de supressão, fenômenos estes que alcançaram o maior de ocorrências nas produções dos grupos analisados.

4.3. Processos fonológicos por supressão ou apagamento

As modificações sofridas pelos segmentos em início, no meio ou no fim da palavra são resultados de processos fonológicos e são as responsáveis

pelas alterações linguísticas. Esse tipo de processo pode ser constituído pelo apagamento de um segmento, independentemente de ser vogal, consoante, semivogal ou até uma sílaba inteira, sendo esta uma característica marcante na nossa língua. De acordo com Roberto (2016, p. 119 *apud* UBIRAJARA, 2018, p. 32), “os processos fonológicos por apagamento ou supressão são considerados processos de estruturação silábica e envolvem o apagamento ou a supressão de um segmento”. Podem ser classificados de acordo com a unidade apagada, a partir do lugar que esse elemento se encontra na palavra. Para Roberto (2016), podem ser divididos da seguinte forma:

- Processos fonológicos por supressão:
 - Aférese
 - Síncope
 - Apócope

Então, os processos fonológicos servem para auxiliar a produção de sons, ou agrupamentos de sons, dos falantes de uma comunidade. Podemos supor que um segmento com grau de propriedade difícil, quando tratamos de termos articulatorios, motores ou de planejamento, pode ser substituído por outro qualquer que tenha a mesma equivalência, mas destituído desse domínio que o torna mais complexo para o falante dos estágio inicial do E.F. II.

Nesse caso, por exemplo, o rótico⁹ representa, quase sempre, uma dificuldade para a escrita do falante do E.F. II, principalmente quando está na posição de coda, sendo esse um segmento comumente apagado na fala.

Por consequência do que contatamos até aqui, acerca dos fenômenos linguísticos coletados nas produções textuais, veremos adiante uma análise de alguns recortes, conforme as categorias descritas por Roberto (2016), também apoiamo-nos nos estudos de Bortoni-Ricardo (2014), Câmara Jr. (2009) e Mollica (2003).

4.3.1. Apócope: o apagamento do fonema no final da palavra (861 ocorrências/ 30.5%)

⁹ As palavras “caro” e “falar” expressam que o /r/ entre vogais é mais vibrante, já no final de uma sílaba tem um som mais suave, assim existe uma diferença fonética entre as palavras e, possivelmente, tende a ser suprimido na posição final da sílaba.

Muitos fenômenos de variação podem ser observados quando colocamos em pauta o PB e, dentro desse vasto campo de possibilidades, encontramos o processo supressão por apócope, também conhecido como a queda de consoantes finais que caracteriza o português falado no Brasil. Assim, alguns estudos apontam que o morfema marcador de infinitivo <r> é suprimido foneticamente no PB¹⁰, na maior parte das vezes em que é pronunciado, podemos perceber essa queda nas formas verbais e de nomes, como por exemplo, criar > cria, quer > que. Para Bortoni-Ricardo (2014):

Em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais, (correr > corrê; almoçar > almoça; desenvolver > desenvolvê; sorrir > sorri). Quando o suprimimos, alongamos a vogal final e damos intensidade a ela. (...) o falante da língua, quando suprime um /r/ em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais (...) (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 85).

Sendo assim, trata-se de um traço gradual da língua falada do PB, pois o falante busca um mecanismo de simplificação fônica. Quanto a esse fenômeno, Roberto (2016, apud UBIRAJARA, 2018, p. 37) afirma que a sílaba inicial da palavra pode ser formada por uma vogal encaminhando-se para o apagamento, podendo também ocorrer com sílabas átonas ocupando diferentes colocações no vocábulo. Mollica (2003), ao tratar sobre apócope, salienta que:

[...] há uma equiparação muito grande entre fala e escrita nas vibrantes. É por esse motivo que o problema ortográfico maior na escola vai concentrar-se nos casos de posição final, pois é nesse contexto que a mudança na fala apresenta-se avançada (MOLLICA, 2003, p. 34 apud LIMA, 2016, p. 15).

Ou seja, a autora explica, com base na fala dos brasileiros, que as palavras que possuem <r> no final são pronunciadas pelos falantes sem a realização desse segmento. Como podemos observar nos exemplos a seguir:

Quadro 07. Apócope na escrita dos alunos

Ex. 1:	O bandido vai pegá a mala di dinheiro vamu isperá pra dá o boti (...)	(Grupo A M – SAB)
Ex. 2:	Seu Paulo vai esperá o Juninho na	(Grupo B M – MFAS)

10 Esse fenômeno não é estigmatizado, pois há ocorrência dele na fala de qualquer indivíduo em todas as classes sociais, níveis de escolarização, etc., mas é visto como um erro na escrita, fugindo do conceito das formas dicionarizadas.

	<i>delegacia e fizeram uma denúncia lá dizem <u>querer</u> bota os bandido na cadeia (...)</i>	
Ex. 3:	<i>Si quise seu filho de volta ta tem que paga os 500mil dola (...)</i>	(Grupo A F - FPG)
Ex. 4:	<i>Mostrei o bilete ao policial para ele ir <u>buscar</u> meu filho e o bilete dizia: Se quise o menino de volta siga as instruções (...)</i>	(Grupo B F - LMCL)

Fonte: dados da pesquisa

Observamos, nos exemplos acima, a queda ou supressão do /r/ na posição de coda final no PB, pois essa marca na escrita vem de um processo fonológico muito recorrente na falas dos brasileiros, visto que há uma tendência do apagamento do /r/ final nos verbos que estão no infinitivo. As ocorrências desse fenômeno não são difíceis de serem encontradas, visto que ocorreu em maior número nas duas turmas analisadas e ser muito presente na fala.

Esse tipo de supressão também ocorreu com o /s/ que marca o plural das palavras como (vamu > vamos) no exemplo 1. Está uma característica que evidencia no plural apenas no elemento determinante, nesse caso o sujeito oculto (nós). No que se refere à apócope do segmento /s/, Mollica (2003), aponta como principais indicadores para a ocorrência desse fenômeno “a saliência fônica, a extensão do vocábulo e a ordem dos elementos dentro do sintagma”.

A queda do <s> tem gerado alguns conflitos nas conjugações verbais, porque o colaborador do exemplo 1 do quadro acima, suprime o segmento /s/ do verbo conjugado na primeira pessoa do plural e escreve “vamu”, atingindo o resto do contexto quanto à marcação do plural¹¹. Essa ocorrência é muito comum no PB falado e serve para ilustrar a transposição da fala para a escrita.

Diante do exposto, observamos que a supressão por apócope é o processo fonológico mais recorrente e o que mais causa interferência na escrita dos colaboradores, marcando 30.5% do total entre todos os fenômenos analisados. Nas produções textuais, constatamos que um grande número de palavras foi grafado com o apagamento da letra “r” no final, pois além da apagamento em verbos no infinitivo, também houve a ocorrência em alguns casos de plural, assim como foi possível conferir nos exemplos acima.

¹¹ Esse acontecimento está mais relacionado a uma questão morfossintática que fonológica.

Isso indica que, por mais que a escrita da letra <r> seja a contemplada pelas gramáticas normativas e possua prestígio, encontramos supressão do segmento [r] nas produções de todos membros, independentemente da localização geográfica. No entanto, isso não significa que a grafema <r> não apareça em certos momentos, como nos provam os exemplos 2 e 4 do quadro 07, ambos dos grupos femininos, evidenciando que o sexo feminino tem maior propensão a escrever de acordo com as normas gramaticais.

Um dado interessante sobre esse fenômeno é a oscilação do acontecimento desse apagamento, pois em alguns períodos houve o apagamento e em outros momentos da mesma oração não aconteceu, como mencionamos no parágrafo anterior. No exemplo 4 do quadro 07, é possível perceber que a aluna manteve o /r/ final do verbo “buscar” que está no infinitivo, mas apagou o mesmo segmento na forma verbal “quiser”. Esse fato se manifestou bem menos no Grupo A, enquanto o Grupo B mostrou mais momentos com essas oscilações. Feita as considerações sobre a apócope, partiremos para o fenômeno com a segunda maior ocorrência nessa pesquisa, a aférese.

4.3.2. Aférese: o apagamento do segmento acontece no início da palavra (679 ocorrências/ 23.8%).

A aférese é um fenômeno que consiste na supressão de um fonema (ou de uma sílaba) no início de um vocábulo. Nos dados coletados, esse fenômeno ocorreu apenas com a palavra “está” que foi substituída muitas vezes por “ta” ou “tava” (quando indica o passado). Vejamos os exemplos:

Quadro 08. Aférese na escrita dos alunos

Ex. 1:	<i>O pai ta isperano iscondidu lá do lado na (...)</i>	(Grupo A M – JSR)
Ex. 2:	<i>O junio tava felis agora que foi souto do (...)</i>	(Grupo A M. JCS)
Ex. 3:	<i>Eli o minino tava muito alegri (...)</i>	(Grupo B F. MAAR)
Ex. 4:	<i>O investigado tá vendo o bandido de (...)</i>	(Grupo B F. ABOL)

Fonte: dados da pesquisa

Como foi mostrado nos exemplos acima, a forma que mais aconteceu esse fenômeno foi no verbo “estar”, sofrendo a queda da primeira sílaba /-es/, podendo ou não aparecer grafada com acento agudo.

Por ser uma variação extremamente comum na fala do PB, não possui qualquer estigma, pois está presente desde falantes com maior grau de escolaridade, até os falantes com menor escolaridade. Isso pode ter aparecido em nosso *corpus*, por estar não apenas relacionado à influência da fala na escrita, mas, também, presente em textos, especialmente do gênero narrativo, pois abre espaço para os estudantes inserirem diálogos. Na próxima subseção, exploraremos o fenômeno com a terceira maior ocorrência, a síncope.

4.3.3. Síncope: ocorre o apagamento do segmento no meio da palavra (324 ocorrências/ 11.5%)

Os fenômenos de síncope podem ser encontrados ao longo da história da LP. As vogais átonas do português, de acordo com Câmara Jr. (2009[1979], apud CHAVES; SILVA, 2014, p. 1), têm maior vulnerabilidade à manifestação de processos em relação as vogais tônicas, sobre as quais os fenômenos fonológicos ocorrem com menor incidência. De forma mais específica, as sete vogais do português (/ɨ/, /ɛ/, /ɔ̃/, /ɔ/, /ɛ̃/, /ɨ̃/, /ɛ̃/), distintas na posição tônica, perdem a natureza fonológica, em maior ou menor grau, nas posições pretônica, pós-tônica não final e pós-tônica final.

Em relação às vogais em posição pós-tônica não final, o processo de síncope consiste na supressão da vogal em formas como (para > pra), grafada em grande escala na escrita de ambos os grupos. Vejamos os exemplos abaixo:

Quadro 09. Síncope na escrita dos alunos

Ex. 1:	<i>O dinhiero tá dento do licho pra o bandido pegá eli olha pra o otro que tá isperano</i> (...)	(Grupo A M - GSL)
Ex. 2:	<i>O policial tá mandano esperá na otra rua</i> (...)	(Grupo B M - RCS)
Ex. 3:	<i>O poliça fico iscondidu atrais da arvre</i> (...)	(Grupo A F - JVL)
Ex. 4:	<i>Ninguem sabe pra que os badidos queria</i>	(Grupo B F - YMPG)

Nos exemplos acima, podemos ver o apagamento do /r/ na palavra “dentro” e o apagamento do /d/ na forma verbal “mandando”, havendo o apagamento de segmentos consonantais. No exemplo 1 do quadro 09, apareceu a preposição “para” na forma reduzida (pra), típica do coloquialismo no PB, ocorrendo o apagamento do primeiro /a/ dessa palavra.

Nas produções de textos analisados, há uma frequência no apagamento do segmento /d/ no interior da palavra que marca o gerúndio dos verbos como (mandano < mandando), devido ao fato de que os segmentos /n/ e /d/ têm o mesmo ponto de articulação e serem alveolares, formando uma ocasião propícia para a supressão de uma das consoantes. A contração do segmento /a/ quando aparece a preposição “para” é uma marca da fala, por termos pedido a produção de um texto narrativo, houve espaço para esse acontecimento em grande escala, acontecendo independente do nível de escolarização e localização geográfica do falante.

No que corresponde ao aparecimento desse fenômeno na palavra “árvore”, notamos que ocorreu a neutralização vocálica resultante da elevação de uma vogal média como /e/ em (árvore > arvre), de acordo com Câmara Jr. (2009), constatamos o aparecimento dessa forma apenas na escrita do Grupo A (rural). Com isso, notamos que já se tornou muito comum a contração da preposição “para” na fala dos estudantes, tornando-se uma questão lexical e não sofre tanto estigma quanto o apagamento da vogal /o/ em “árv[]re”.

Terminada as análises dos fenômenos linguísticos, partiremos para uma reflexão acerca da categoria extralinguística. Nesse nicho, dispomos das variáveis sexo e localização geográfica.

5. VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

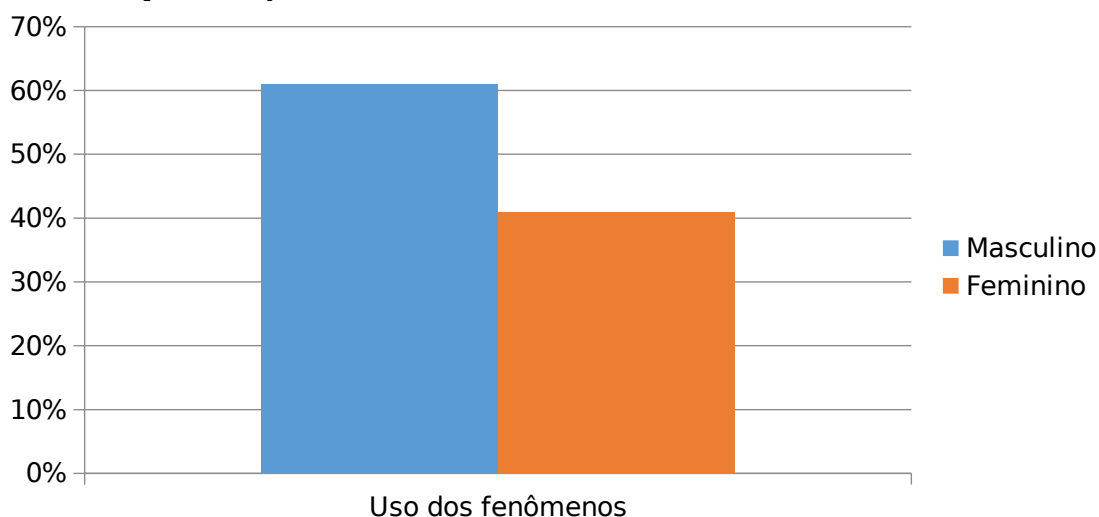
Partindo da premissa que a Sociolinguística estuda a relação entre a língua e o falante, considerando o contexto de uso real e a comunidade que o indivíduo está inserido, observarmos que tanto os fatores externos quanto os internos estão associados a ela. Sendo assim, selecionamos duas variáveis que julgamos importantes para essa análise, são elas: sexo e localização geográfica.

5.1. Variável sexo

Os indivíduos que compõem determinado grupo social, na maior parte das vezes, apresentam características similares, por exemplo, pessoas que são do sul do Brasil, podem ser identificadas de acordo com o sotaque, estilo de vida e as vestimentas. Já se tratando do fator sexo, homens e mulheres são muito diferentes, as mulheres tendem a ser mais polidas e não falarem palavras de baixo calão, coisa que é corriqueira na interação entre homens.

Fazendo uma análise comparativa entre os grupos femininos e masculinos, por ter se mostrado um dado marcante nas ocorrências dos fenômenos, o uso delas é maior entre os meninos nos dois grupos, mesmo as meninas representando um número superior nas turmas. Resolvemos apresentar esse gráfico para visualizar essa diferença:

Gráfico 05. Quantificação dos fenômenos conforme a variável sexo.



Fonte: autora, 2019

A partir desses dados, levantamos como hipótese que os indivíduos do sexo masculino tendem a usar na escrita um dialeto considerado menos monitorado, enquanto o grupo do sexo feminino usam um dialeto mais monitorado.

Como esperávamos, houve maior ocorrência dos fenômenos analisados nos textos produzidos pelos meninos em relação aos das meninas, ainda mais se considerarmos que o número de colaboradores do sexo masculino é inferior ao número de colaboradores do sexo feminino, entretanto essa diferença não é tão significativa, pois representa uma diferença de apenas 2% na quantidade de membros do grupo feminino em relação ao masculino, enquanto a diferença na porcentagem de ocorrências é 20% para o sexo masculino.

➤ Uso dos fenômenos por grupo:

- Masculino (total de 1.729/ 60%)

Quadro 10: Escrita dos meninos

Ex. 1:	<i>Era uma o minino foi sequetado pelo badido e o levol para A caza deles por que o minino era riço e o badido pegutou um name e o minino sejamava de Palosesa era o filho de um homes bem riço e famoso da cidade (...)</i>	(Grupo A M – VMS)
Ex. 2:	<i>Bem eu vo deixa u dinheiro lá pra o bandido pega ele o menino então voltou pra trás e resolveu chama a policia pra ajudalo no caso e contou tudo como tava se ocorrendo (...)</i>	(Grupo B M – ISL)

Fonte: dados da pesquisa

- Feminino (total de 1.109/ 40%)

Quadro 11: Escrita das meninas

Ex. 3:	<i>O menio estava com o cel pai Paulo e dise – pai tem dois homes espenando nosa</i>	(Grupo A F – MLEM)
-----------	--	--------------------

	<i>caza quem sera dise o menino e eles sairo dali no dia ceguinte os homes pegaram o Junior (...)</i>	
Ex. 4:	<i>Ele era praticamente o homem maisrico da cidade e tinha um filho, um dia chegou uma vã preta e parou bemdolado do terero e sequestraram ofilho dele mais o menino tentou gritar (...)</i>	(Grupo B F – ALAP)

Fonte: dados da pesquisa

Diante do exposto nos exemplos acima, no que se refere à diferença no desempenho da língua escrita entre os sexos, a pesquisadora Paiva (2004, *apud* AURELIANO e OLIVEIRA, 2017, p. 5) reflete em seu estudo sobre “A variável gênero/sexo”. A autora considera que na sociedade existem valores e diferenças comportamentais atribuídos a homens e mulheres, o cotejamento das estatísticas dessas diferenças por sexo sinaliza padrões de gênero, pois dentro do grupo de colaboradores, as meninas demonstraram ter maior obediência às formas dicionarizadas.

Segundo essa autora, nas sociedades ocidentais, a diferença entre a fala dos grupos masculino e feminino vem em uma onda crescente de diminuição, mas não constatamos essa afirmação no estudo realizado, porque o distanciamento entre a escrita dos dois grupos é muito maior por parte dos meninos, configurando 20% a mais no uso dos fenômenos contabilizados.

A autora fortalece a ideia de que essa variável extralinguística não deve ser analisada isoladamente, pois do seu cruzamento com outras variáveis independentes, como classe social, idade ou estilo de fala, entre outros, podem aflorar padrões de correlação diversificados entre uso de variantes linguísticas e o gênero/sexo do indivíduo.

Com base na análise sobre as variações linguísticas presentes nos textos dos colaboradores, constatamos que os estudos sistematizados de variação linguística em língua materna, demonstram o estereótipo de que as meninas são mais polidas e tendem a percorrer os caminhos mais monitorados pela gramática quando escrevem, enquanto os meninos ficam um pouco mais atrás nesse percurso, assim se concretizando a constatação desse estereótipo nas produções coletadas e analisadas nessa investigação.

Agora, partiremos para o último ponto de discussão antes das considerações finais, a localização geográfica. Sendo esse um dos principais aspectos que marcam as barreiras de ensino-aprendizagem nas turmas colaboradoras do *corpus* da pesquisa. Para isso, baseamo-nos nos livros “Nós chegemos na escola e agora?”, da autora Bortoni-Ricardo (2005), “Nada na língua é por acaso” (2008) e “Preconceito Lingüístico” (2007) do autor Marcos Bagno.

5.2. Localização Geográfica

No Brasil, a colonização foi um regime que contribuiu muito para a idealização de uma norma de prestígio, alinhado ao imaginário que deveria ser o mais próxima possível do português de Portugal. Concomitante a essa ideia, a urbanização iniciada há alguns séculos, acabou legitimando uma língua padrão que estigmatiza às outras variedades, se intensificando cada vez mais na nossa cultura.

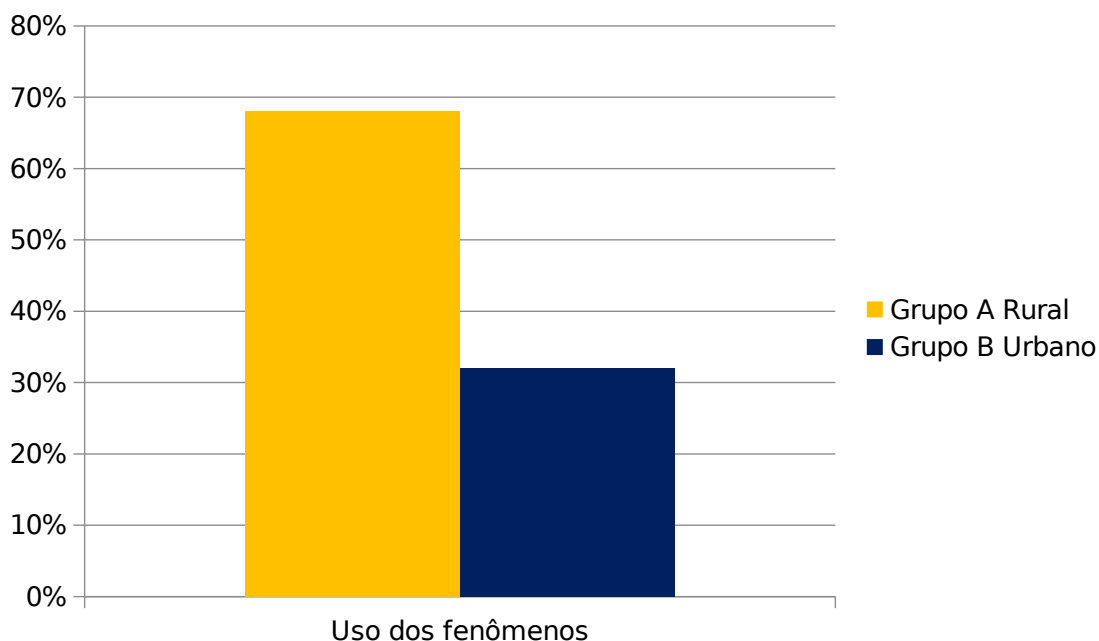
Podemos perceber algumas marcas desse período quando Bortoni-Ricardo (2005) ressalta que a chegada da corte portuguesa para o Rio de Janeiro trouxe as claras tal preconceito, isso se deve ao fato de que as peças teatrais, apresentadas na época, ridicularizarem a fala caipira. Não tão distante disso, hoje, ainda é comum vermos nas novelas, filmes, etc., o falar rural ser empregado como engraçado, errado, entre outros estigmas. Diante disso, torna-se evidente o porquê de os professores de LP ainda persistirem na ideia de uma língua padrão, sem vestígios da oralidade, do coloquialismo e/ou demais variedades.

Os indivíduos moradores da zona rural desfrutam de peculiaridades, como, por exemplo, a maneira de andar, vestir e falar, porém a alegoria mais marcante é a fala, visto que essas pessoas usam os dialetos dos seus lugares de origem, resultando em determinadas particularidades gramaticais, fonéticas e lexicais.

No que tange à variável localização geográfica, dispomos das seguintes categorias: zona rural e a zona urbana. Levamos em consideração que a língua falada na zona rural é diferente da língua falada na zona urbana, então levantamos a hipótese de que os alunos que moram na zona rural (Grupo A)

usariam mais os fenômenos do que os alunos que moram na zona urbana (Grupo B). O gráfico abaixo ilustra uma diferença de 36% entre os grupos em relação à ocorrência dos fenômenos.

Gráfico 06. Quantificação dos fenômenos conforme a variável Localização geográfica.



Fonte: autora, 2019

Para levantarmos essa hipótese, baseamo-nos em Bagno (2007), pois o autor discorre no livro “Preconceito Linguístico” sobre como a urbanização implica no contato com formas linguísticas consideradas de maior prestígio social, podendo ser na escola, na televisão, na sociedade, etc., isso vai resultar em uma espécie de nivelamento linguístico, mesmo que as variedades linguísticas se mantenham, quanto mais as pessoas souberem ler, escrever e tiverem ascensão social, tendem a ter mais apreço pelas variedades de maior notoriedade, desconsiderando as demais ou caindo no paradigma do “erro”. Vejamos alguns exemplos:

- Grupo A (total de 1.918 ocorrência/ 66.8%)

Quadro 12: Escrita de falantes da zona rural

Ex. 1:	<i>Eli foi na em uma rua des conhecida e entro em una mala buto e dispois foi u pai tava investigado por que que o filho de vouta par a ter um final felis um vida melho (...)</i>	(Grupo A M – ASM)
--------	--	-------------------

Ex. 2:	<i>Faze cosas divertida com a otra filha junto mais tinha paga o resgate pra junta a familia dinovo o pobrema era o banco tá fexado (...)</i>	(Grupo A M – ACS)
Ex. 3:	<i>O bilhete pedia 900 mil reis e dizia Eu truxe seu filho em tão u pai que é rico fico sabedo diso pelo jonal (...)</i>	(Grupo A F – ASS)
Ex. 4:	<i>Foi fala pra pilicia pra socore o menino de 12 anos foi sequestrado por fatima donar da barca de jonal e ela foi cuplici da histora (...)</i>	(Grupo A F – MTAS)

Fonte: Dados da pesquisa

- Grupo B (Total de 920 ocorrências/ 33.2%)

Quadro 13: Escrita de falantes da zona urbana

Ex. 5:	<i>Era uma ves um menino que se chanava Paulo César Júnio. O menino estava paseando cando um ladrão apareceu e sequestrol o menino (...)</i>	(Grupo B F – JWGC)
Ex. 6:	<i>Ele pediu socoro e o ladrão botol ele na mala do caro e foi se bora pra uma caza e o otro ladrão tava lá (...)</i>	(Grupo B F – PHCT)
Ex. 7:	<i>O pai do garoto contratou um ex investigado da policial com um morto no pasado para ajuda a encontra o filho (...)</i>	(Grupo B F – MRBS)
Ex. 8:	<i>Mais os bandidos foram muitos claros, se não tivesse o dinheiro o menino poderia ser morto (...)</i>	(Grupo B F – TARO)

Fonte: Dados da pesquisa

A partir dos exemplos, observamos que os resultados corroboram com a hipótese levantada, pois os alunos do Grupo A (formado por estudantes da zona rural) usaram mais fenômenos na escrita que o Grupo B (formado por estudantes da zona urbana), então, chegamos a somatória final de 1.109 (ocorrências para meninas e 1.729 para os meninos, totalizando uma diferença de 20%. Assim como supomos, é possível afirmar que meninos e meninas não falam/escrevem da mesma forma e pode variar o grau de usos dos fenômenos dentro do mesmo grupo, visto que os meninos do Grupo A superam com 16.6% as meninas desse mesmo grupo em relação ao uso desses elementos.

Na escrita do Grupo A, percebemos alguns fenômenos definidos por Bortoni-Ricardo (2014) e citados na subseção (2.3) desse estudo, no que se refere à troca de // por /r/, como podemos ver no exemplo 2 do quadro 13, a autora afirma que essa troca é muito comum nos falares rurais e rurbanos, encaixando-o como um traço descontínuo, pois esse fenômeno é muito

estigmatizado na cultura urbana, embora também possa aparecer dentro desse ciclo.

Se tratando da zona rural, sabe-se que os indivíduos que vivem nesse ambiente estão sujeitos a sofrer certos tipo de preconceito, o mito que se fortalece e que Bagno (2007) apresentou algumas ressalvas no livro “Preconceito Linguístico”, é que ainda é mantido o crédulo de que essas pessoas não possuem domínio linguístico, se comunicam de forma errada, em comparação com grupos da zona urbana, mito esse que o autor derrubou, pois não devemos pensar na língua como algo homogêneo.

Se continuarmos alimentando crenças como as citadas anteriormente, se perpetuará o pensamento de que falantes da zona rural não falam bem a sua própria língua, dividindo e criando abismos entre esses ambientes (rural e urbano), sendo esse um dos fatores que fortalece a pesquisa que aqui é ponderada, pois para Bagno (2008):

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geograficamente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menos prestígio como inferiores ou erradas (BAGNO, 2008, p. 27).

Com essas palavras, o autor ressalta que a origem geográfica é um dos principais aspectos para que possamos identificar de qual cultura pertence determinado falante, bem como se esse indivíduo se expressa de acordo com os costumes daquela localidade. Podemos salientar que uma pessoa só adquire em sua fala referências com as quais já tenha tido algum tipo de contato, mesmo mudando de comunidade e adquirido novas referências, sempre haverá traços da sua origem linguística na fala, por isso não deve existir certo ou errado, apenas formas diferentes de se comunicar.

Diante disso, percebemos que a escola em questão está cometendo um erro ao manter essa divisão dos grupos, por razões meramente geográficas a princípio, pois já recebem o grupo rural com o estigma que essa turma terá mais problemas na língua escrita, enquanto a turma urbana não compartilha desse tratamento. De acordo com os resultados dessa pesquisa, comprovou-se as hipóteses que levantamos sobre o grupo rural, mas a abordagem a essa turma é problemática, se considerarmos que as estratégias adotadas pela

escola não amenizam os problemas de ordem gramatical que os alunos enfrentarão.

Essa divisão é o principal fator que contribui para o distanciamento das duas turmas no que se refere aos níveis de aprendizagem da língua escrita, visto que a instituição poderia misturar os alunos das duas esferas para, com isso, tentar amenizar as dificuldades de obediência às formas dicionarizadas da língua escrita.

Nesse sentido, caberia a escola pontuar como um dos seus objetivos no ensino da língua materna, questões referentes aos valores sociais atribuídos às variedades linguísticas, bem como se pautar dentro desses quesitos associados a contextos, para, com isso, não avaliar o discente injustamente, visto que o grupo rural costuma vir de escolas com turmas mistas¹², devido à dificuldade de acesso aos sítios mais isolados¹³.

Por outro lado, é indispensável que a instituição não esqueça de olhar para aqueles alunos que estão mais atrás em relação ao resto da turma, por terem algum tipo de dificuldade para aprender os conteúdos¹⁴, tirar boas notas e terminar as tarefas rapidamente, pois dentro do grupo rural, grupo este que apresentou o pior índice no domínio da língua escrita e obediência das normas dicionarizadas, os membros do sexo masculino (Grupo A M) detém a maior dificuldade, ficando mais distante entre todos.

Sem propostas diferenciadas, esses estudantes estão mais propensos ao fracasso escolar, ficando muito longe no percurso do desenvolvimento da modalidade escrita da língua. Portanto, é de fundamental importância que os fundamentos sociolinguísticos da variação e da heterogeneidade, que vem desde a concepção laboviana sobre a língua e suas variantes, se tornem alvos de reflexão do conjunto escolar, caso contrário a educação continuará traçando uma luta sem fim, sempre marcada por preconceitos e abordagens inadequadas do ensino de língua materna.

O objetivo de ensino do professor de língua materna, deve ser pautado em ampliar as habilidades linguísticas dos educandos. Isso pode ser atingido por intermédio do ensino da gramática contextualizada, mas, para tal, esse

12 Informações obtidas através de conversas informais com a direção da escola.

13 As crianças acabam fazendo os 2º e 3º anos ao mesmo tempo, e assim sucessivamente, até chegarem ao 6º ano e serem encaminhados à escola da zona urbana.

14 Conforme as conversas informais com a direção, sabemos que os alunos que vêm de turmas mistas passam por um processo de realfabetização.

ensino tem que acontecer de forma coerente e não mais eleger as análises de nomenclatura gramatical como principal foco.

As instituições de ensino precisam proporcionar condições para que o discente consiga ministrar os usos sociais da língua, na forma em que acontece diariamente, no modo que possamos vir a precisar dela, independente do contextos, etc., enquanto falantes precisamos estar preparados para lidar com as mais diversas situações. Isso é possível alcançar através do estudo das diferentes modalidades da língua, ou seja, estudá-la como um sistema heterogêneo.

Terminada a análise dos dados, partiremos para a próxima seção, em que iremos fazer as considerações finais, após percorrermos um longo caminho dentro dessa pesquisa.

6. CONCLUSÃO

Os estudos relacionados à Sociolinguística vêm contribuindo de forma considerável na compreensão da variedade da Língua Portuguesa falada e escrita no Brasil. Com isso, o foco da nossa pesquisa foi assumir o compromisso de analisar o processo fonológico da supressão e a Variação Linguística presente nos textos produzidos por alunos de turmas do 6º ano.

Para tanto, utilizamos como suporte teórico-metodológico a Sociolinguística Variacionista, descrita por William Labov (2008), por ser uma corrente que estuda a língua em seu uso real. Dessa forma, partimos da hipótese de que existe interferência da língua falada na língua escrita, nas produções textuais dos grupos em questão, pois a nossa intenção era investigar o fenômeno da influência da fala na escrita para, com isso, analisar os fenômenos manifestados. Sendo assim, encontramos em maior quantidade o processo fonológico da supressão: apócope, síncope e aférese.

Na investigação do fenômeno citado anteriormente, foi realizada uma pesquisa quantitativa de cunho variacionista, por meio de produções textuais elaboradas por estudantes de duas turmas de 6º ano, respectivamente A e B, coletando-se um total de 84 produções, mas somente 72 foram postas para análise na pesquisa.

A dispensa de alguns textos foi feita com o intuito de equilibrar o número de informantes de cada turma. Vale lembrar que as composições foram coletados na mesma escola pública da rede municipal da cidade de Bom Conselho-Pernambuco. Desses textos, obtivemos como *corpus* um quantitativo de 2.838 fenômenos que foram analisados, retratamos as quantificações resultantes através de tabelas e gráficos, nos quais apresentamos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Trabalhos já realizados por Labov (2008), Tarallo (1986), Marchuschi (2010) e Bagno (2008), foram indispensáveis para a construção teórica e metodológica desse trabalho. Enquanto pesquisas de Cagliari (2008), Bagno (2007) Bortoni-Ricardo, Roberto (2014), dentre outros, foram de fundamental importância para levantarmos nossas hipóteses e formularmos nossos objetivos. Ancorada nesse autores, foi possível executar a análise dos dados encontrados.

A partir da análise dos elementos coletados, foi possível verificar as interferências linguísticas e extralinguísticas. Para isso, apontamos como fatores linguísticos: apócope, aférese, síncope, juntura intervocabular, assimilação, desnasalização, ditongação, monotongação; e, como fatores extralinguísticos: localidade e sexo, conforme apontaram os estudos de Cagliari (2008), Bortoni-Ricardo (2014), Bagno (2008), Roberto (2016) e outros.

Na terceira seção, expomos os resultados iniciais da pesquisa, em que foi possível constatar a aparição de fenômenos oriundos da língua falada na escrita dos estudantes e os fatores que podem motivar esses acontecimentos. Por outro lado, na seção 4, apresentamos os resultados gerais da pesquisa, nessa parte confirmamos algumas hipóteses levantadas como, por exemplo: a distinção na escrita de meninos e meninas, para tanto consideramos a variável sexo.

Nessa variável, confirmamos a suspeita levantada no início da seção 4, pois os meninos tendem a se distanciar um pouco mais das formas monitoradas pela gramática, assim acabam usando mais fenômenos que as meninas. Então, podemos afirmar que corroborou o que apontamos, pois, apesar dos meninos estar em menor número. Ainda nessa seção, confirmamos outra hipótese: falantes da zona rural são mais propensos a escrever usando fenômenos linguísticos em relação aos falantes da zona urbana, confirmando alguns estigmas levantados por Bagno (2008) no livro “Preconceito Linguístico”.

Os resultados a que chegamos, apontam que os fenômenos linguísticos encontrados no decorrer desse estudo estão diretamente ligados à fatores extralinguísticos. Dessa forma, compreende-se que devemos enquanto docentes, decerto, considerar o âmbito sociocultural em que se encontra o falante ao analisar a língua em seu uso real, pois, ao longo de nossa análise, comprovamos que não a escola não deve fazer distinção entre turmas apenas pelo fator de origem, uma vez que os alunos da zona urbana, inseridos no processo de ensino-aprendizagem, cometem praticamente os mesmos erros em relação as normas dicionarizadas se comparados aos alunos de origem rural, diferindo apenas o quantitativo dessas ocorrências, porque na turma rural é bem maior.

Partindo desses estudos, descobriu-se que muitos alunos tendem a repercutir na escrita os processos da fala, por isso houve tantos casos de supressão por apócope, pois já se tornou uma questão lexical no PB, praticamente, não pronunciar mais o [r] no final das palavras, especialmente no caso de verbos no infinitivo. Por ser uma marca da nossa fala, para a criança será algo natural reproduzir na escrita.

Apesar de a cultura escolar ver no erro um fracasso, acreditamos que a escrita, regida a partir de normas que não correspondem as dicionarizadas que são as monitoradas pela gramática normativa, pode apontar indícios dos processos de aprendizagem dos educandos, afinal, cada turma possui características específicas e somente com uma observação cuidadosa, norteada por saberes científicos adequados, os docentes poderão auxiliar seus discentes a superar as suas dificuldades ortográficas.

Até porque, no início, é necessário que o ensino da língua escrita, suas regras e estruturas, proposta em sala de aula respeite o contexto social e a variedade linguística apresentada pelos estudantes. Depois, mediante a diferentes atividades de leitura e produção de texto, o aluno poderá apropriar-se de novos saberes relacionados à língua e, especialmente, as normas que a regem nas diferentes modalidades que a compreende.

A partir dos resultados dessa investigação, pretendemos incentivar a reflexão quanto a Variação Linguística, devendo portanto, propiciar o reconhecimento da diversidade linguística ao enfraquecer algumas convicções sobre a noção de “erro” quando tratamos da língua falada, visto que o preconceito linguístico ainda é uma situação muito presente, especialmente no ambiente educacional, até porque os estudos da linguística atual revelam que uma língua não é homogenea, portanto, podemos compreende-la justamente pelo que caracteriza a humanidade: a diversidade, a possibilidade e evolução.

É necessário entender que tais mudanças, como já foi pensada antigamente, não se encerram com o tempo, pois se manifestam no espaço, nas diversas camadas sociais e representações estilísticas. Dessa maneira, objetivamos que as escolas tornem-se ambientes comprometidos em derrubar as ideias de estigmatização acerca de determinados dialetos. Portanto, esperamos que esse trabalho venha a contribuir de alguma forma com as pesquisas relacionadas ao campo da Sociolinguística Variacionista.

REFERÊNCIA

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: Novela Sociolinguística.15.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz.49.ed. São Paulo: Loyola, 1999. 2007.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Entre a fala e a escrita**: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, D. (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas Publicações, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na escola. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. **Nós chegemos na escola e agora?**: sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

_____. **Alfabetização e linguística**: Pensamento e ação na sala de aula. São Paulo: Scipione, 2010.

_____. **Alfabetização e ortografia**.20.ed. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. In: CHAVES, R.G.; SILVA, S. M. Disponível em: <file:///D:/Documentos/TCC/Leituras%20complementares/32850-140432-1 PB.pdf>. Acesso: 04.jun.2019.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnicas de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Sociolinguística: uma entrevista com William Labov**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/4640-william-labov-fala-de-sociolinguistica>>. Acesso em: 02.abr.2019.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**.10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. & DIONÍSIO, Angela Paiva. **Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita**. In: _____. (org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MOLLICA, Maria Cecília. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003. In: LIMA, G. S. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14803/1/2016_JessedasilvaLima_tcc.pdf>. Acesso: 21.maio.2019.

PAIVA, Angela. **A variável gênero/ sexo. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto. 2004. In: AURELIANO, É. R. L.; OLIVEIRA, J. M. de. Disponível em: <http://www.letramagna.com/artigos_20/artigo7_20.pdf>. Acesso: 03.jun.2019.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**.1.ed. São Paulo: Parábola editorial, 2016. In: UBIRAJARA, R. A. C. Garanhuns: UFRPR, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**.25.ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**.10.ed. 6ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2015. In: UBIRAJARA, R. A. C. Garanhuns: UFRPR, 2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 2008.

APÊNDICE A – Orientação para aplicação da atividade

1. Orientação para produção textual

O professor irá realizar a leitura da atividade de produção textual com o auxílio da pesquisadora, enquanto os alunos deverão ouvir atentamente para posteriormente realizarem uma breve discussão sobre o tema proposto no texto. Após a discussão, os estudantes serão motivados a produzir um texto narrativo baseado no tema selecionado:

- Tema: Sequestro;
- Título é opcional;
- Introduzir diálogos;
- Respeitar a quantidade máxima de linhas.

PRODUÇÃO DE TEXTO NARRATIVO

Um rico empresário recebeu o bilhete abaixo, após o sequestro de seu filho. Escreva uma narrativa relatando esse sequestro e seu desfecho. Em seu texto, você deve inserir:

- Os quatro personagens devem fazer parte da história.
- José Silva - Investigador de polícia.
- Fátima Lima- Dona de banca de jornal, viciada em chocolate e vidente nas horas vagas.
- Paulo César Couto – Pai rico do garoto sequestrado.
- Júnior - menino que, aos 12 anos, vale cada centavo do meio milhão de dólares exigido como resgate.
- Você é livre para criar outros personagens.
- Seu texto deve ser criativo, engraçado, ter diálogos entre os personagens e conter, no mínimo, 30 linhas.



Disponível em: <https://portuguesetri.wordpress.com/2016/02/21/narracao-9o-ano/>

